

A. A. MENDES CORRÊA

Assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto, exercendo as funções
de professor da cadeira de Antropologia

ESTUDOS

DA

Etnogenia Portuguêsa

(CRÂNIOS BRAQUICÉFALOS)

SEPARATA DOS

«Anais Científicos da Faculdade de Medicina do Pôrto»

VOL. IV, N.º 2

PÔRTO

Tip. a vapor da "Enciclopédia Portuguesa"

47, Rua Cândido dos Reis, 49

1918

Estudos da etnogenia portuguesa

100.

A. A. MENDES CORRÊA

Assistente da Faculdade de Ciências do Pôrto, exercendo as funções
de professor da cadeira de Antropologia

ESTUDOS

DA

Etnogenia Portuguêsa

(CRÂNIOS BRAQUICÉFALOS)

SEPARATA DOS

«Anais Scientificos da Faculdade de Medicina do Pôrto»

VOL. IV, N.º 2



centro ciência viva
ROMULO DE CARVALHO

RL

MNCT

57

COR

PÔRTO

Tip. a vapor da "Enciclopédia Portuguesa"

47, Rua Cândido dos Reis, 49

1918

SUMÁRIO: A braquicefalia preneolítica e neolítica em Portugal; braquicéfalos nos tempos protoistóricos e históricos. — As tendências braquioides na população actual do país; a sua caracterização e interpretação segundo vários antropólogos. — Crítica das opiniões apresentadas; estudo comparativo de alguns exemplares. — O tipo braquioides médio na nossa população; a origem e classificação dos braquicéfalos europeus. — Classificação dos exemplares que são objecto deste estudo; o isomorfismo politópico e a origem dos braquicéfalos portugueses. — A braquicefalia e os povoadores primitivos e históricos de Portugal perante os textos e a arqueologia. — Conclusões; apêndices com os principais caracteres dos crânios estudados; bibliografia.

Passa o povo português por ser o mais doliocéfalo da Europa, o que, não significando necessariamente uma inteira homogeneidade antropológica, revela, porém, o restrito papel que na etnogenia nacional tiveram os elementos de crânio largo e curto. Entendemos entretanto útil apresentar esta pequena contribuição para o estudo e sistematização dos dados relativos a tais elementos, esboçando uma crítica dos documentos já conhecidos e dando uma breve notícia de alguns exemplares que destacámos nas séries portuguesas da Secção Geológica de Portugal, e das Faculdades de Ciências de Lisboa e Pôrto.

*

Os exemplares braquioides a que na preistória portuguesa se conferem títulos de mais remota antiguidade, são, não entrando em linha de conta com o crânio sub-braquicéfalo do Vale de Arieiro, alguns especimens dos *kjoekkenmoeddinger* tardenoienses de Mugem.

O crânio de Vale de Arieiro, Vila Nova da Rainha, classificado *provavelmente* quaternário, não era acompanhado por qualquer utensílio, que permitisse caracterizar melhor a sua idade paletnológica. Para mais, o seu estado de conservação acha-se longe de permitir um estudo completo. De frente estreita, glabela ligeiramente proeminente, saliências supraciliares apenas indicadas e bossas frontais bem desenvolvidas, êste crânio apresenta um perfil cuja curvatura começa a pronunciar-se ao nível daquelas bossas, prolongando-se até três quartos da sutura sagital. Depois e numa direcção quasi vertical, há um achatamento que abrange ainda parte da escama occipital. As bossas parietais são mal circunscritas, o inion quasi imperceptível, as apófises mastoides pequenas. PAULA E OLIVEIRA, que o estudou e descreveu (¹), acentua as analogias de algumas normas dêste especimen com o sub-braquicéfalo de Furfooz. Os poucos caracteres métricos de importância, que foi possível determinar, não se afastam, de facto, muito dos dum dos exemplares de Furfooz:

	Vale de Arieiro	Furfooz n.º 2
Índ. cefálico	80,11	81,39
Índ. frontal	66,42	65,7
Curva horizontal total.	492 ^{mm.}	504 ^{mm.}
„ frontal	120 ^{mm.}	123 ^{mm.}
„ parietal	121 ^{mm.}	120 ^{mm.}

Passando aos crânios de Mugem, cabe recordar que os braquioides estavam ali em minoria, relativamente aos esqueletos

(¹) *Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques* — “Comunicações do Serv. Geol.” — T. II, p. 7.

de crânio alongado e estreito, que constituíam a grande maioria. Dois exemplares do Cabeço da Arruda são descritos por PAULA E OLIVEIRA como tendo a fronte inclinada e estreita, a região posterior muito larga, as bossas frontais medianamente salientes, e o perfil caracterizado por uma inflexão brusca acima dessas bossas, depois numa certa extensão uma linha quasi horizontal ou pouco convexa, em seguida encurvamento brusco dos parietais, que no têtço posterior são quasi verticais, como o princípio da escama occipital. Êstes crânios destacam-se pelo seu desenvolvimento parieto-occipital. Um dêles, o feminino, não tem bossas supraciliares. As normas verticais dos dois crânios são, porêm, a nosso vêr, um pouco diversas. O masculino é esfenoide, com o estreitamento anterior menos acentuado, e o occiput desenhando uma curva bem regular e convexa. O feminino é trapezoide, mais globuloso. De perfil notam-se também leves diversidades, além das relativas às arcadas supraciliares. No masculino a fronte é oblíqua, a linha superior da abóbada quasi horizontal, inflexão obélica brusca, embora com o occiput menos achatado do que o feminino. Neste a fronte é vertical, a curva superior da abóbada mais harmoniosa e regular, inflexão obélica brusca com o occiput vertical, bem rectilíneo. É como que cuboide.

O crânio n.º 1 de Muges, distinto dos dois anteriores pelo malogrado autor português, tem pouco relevo das arcadas supraciliares, depressão da glabela, bossas frontais apagadas, forma arredonda da abóbada, pouco desenvolvimento da região occípito-parietal, occipital *bombé*, não achatado. A face — a única conservada nos 3 braquioides — é larga, muito prognata, de malares espessos e volumosos, projectados para fóra. A fossa canina é ligeira e a mandíbula espêssa, de arcada dentária hiperbólica, cõndilo voltado para dentro e para baixo, gonion introvertido. Dos caracteres métricos dêste crânio devemos registar os seguintes:

	Mugem n.º 1, ♂
Índ. cefálico	82,56
„ frontal	68,31
„ estefânico (¹)	80,83
Curva horizontal total	514 ^{mm.}
„ ântero-posterior	375 ^{mm.}
Parte frontal	110 ^{mm.}
„ parietal	131 ^{mm.}
„ occipital	134 ^{mm.}
Índ. orbitário	89,18
Larg. bicondiliana	123 ^{mm.}
Ângulo mandibular	118°
„ sinfisiano	60°
Altura sinfisiana	34 ^{mm.}
„ molar	31 ^{mm.}
Índ. mandibular (¹)	46,88

HERVÉ, referindo-se aos 3 crânios, escreve: “On reconnaîtra là les traits qui distinguent et le brachycéphale laponoïde de Grenelle, et son derivé métis, le sous-brachycéphale de Furfooz (²)„. PAULA E OLIVEIRA, aludindo em especial ao n.º 1, diz a seu turno: “Je ferai remarquer que ce crâne globuleux, cette face large et prognathe, rappellent les types crâniens de quelques races du groupe mongolique (³)„. FONSECA CARDOSO e RICARDO SEVERO, mais categóricos, escrevem, sôbre os crânios contemporâneos de Ferreiró, que êstes dão a impressão dos “representantes da primitiva raça de Grenelle, *raça emigrante que aparece no Vale do Tejo nos tempos mesolíticos* e que se encontra depois, de norte a sul, ao lado das raças dolocéfalas (⁴)„.

Já na nossa sumária nota *Sur les brachycéphales préneó-*

(¹) Índices por nós calculados sôbre os dados métricos de PAULA E OLIVEIRA.

(²) HERVÉ (G.) — *Les populations mesolithiques et néolithiques de l'Espagne et du Portugal* — “Rev. de l'École d'Anthrop.” — Paris, IX, 1899, p. 269.

(³) *Note sur les ossements*, op. cit., p. 7.

(⁴) FONSECA CARDOSO E RICARDO SEVERO — *O ossuário da freguezia de Ferreiró* — “Portugalia,” — Pôrto, 1900, t. I, p. 24 do extr.

lithiques et leur culture (1) acentuámos que os crânios braquioides de Mugem são dos primeiros braquioides conhecidos na Europa, antecedendo-os averiguadamente apenas os de Krapina, e sendo seus coevos — isto é, também azílio-tardenoienses — apenas os de Ofnet (2). Os restos de Furfooz, Grenelle e La Truchère, etc. não são já considerados paleolíticos (3). Os braquioides de Krapina, cêdo extintos, pertencem à espécie *Homo neanderthalensis*, enquanto que os de Mugem e Ofnet são indubitavelmente do *Homo sapiens*. A maior percentagem de braquicéfalos em Ofnet do que em Mugem, induz a crêr que, se os primeiros braquicéfalos europeus resultaram duma ou mais migrações, a primeira dessas estações estaria mais próxima do que a segunda, do centro de dispersão dêsses elementos raciais. Colocá-lo-íamos, pois, a um tal centro, no oriente, talvez na Ásia, onde os braquicéfalos ainda hoje predominam. De resto, essa é de há muito a opinião da maior parte dos autores. Uma onda migratória viria ao longo do Danúbio, deixando os seus traços na Bâviera Oriental. Outra alcançaria o ocidente europeu, talvez percorrendo o norte de África. Mas ambas eram acompanhadas de doliocéfalos, a nosso vêr os detentores verdadeiros da cultura azílio-tardenoiense (4).

Em minoria perante os doliocéfalos, talvez mesmo originariamente duma cultura inferior à dêstes, os primitivos braquicéfalos europeus, em fáceis cruzamentos com os doliocoides e outros povos do seu longo trajecto e da estação de chegada, apresentariam uma certa heterogeneidade morfológica. Assim os de Mugem não são, de modo algum, dum tipo idêntico, e pretender sôbre os precários elementos colhidos em tão restrita série assimilá-los a formas mongólicas ou a outras quaisquer parece-nos excessivamente hipotético. Inegávelmente

(1) "Bull. Soc. Port. de Sciences Naturelles", Lisboa, 1917.

(2) MENDES CORRÊA — *Sôbre uma forma craniana arcaica* — Extr. dos "Anais da Faculd. de Med. do Pôrto", — 1917, p. 27.

(3) HUGO OBERMAIER — *El hombre fosil* — Madrid, 1916 — Pp. 272 e 273.

(4) MENDES CORRÊA — *Sôbre uma forma craniana*, etc. op. cit., p. 28.

o crânio n.º 1 é o que mais permite uma aproximação de formas mongoloides.

Percorrendo os *Crania Ethnica*, encontramos um crânio mongol de Huxley (¹) cujo perfil é, posteriormente, um tanto análogo ao do referido n.º 1, e o exemplar da colecção de Moscou, descrito a pág. 404, nota 4, avizinha-se do mesmo crânio em alguns caracteres métricos, como o índice cefálico (82,38), o índice estefânico (81,03, por nós calculado), talvez a curva horizontal total (520^{mm}). Mas distancia-se um pouco noutros caracteres, faltando no nosso espécimen do Vale do Tejo dados importantes para uma identificação perfeita, como são os índices verticais, nasal, facial, etc.

A mandíbula mongol, descrita naquela obra (²), é baixa e de gonions extravertidos, caracteres em oposição aos da do crânio n.º 1.

Relativamente à série de 5 mongoes ♂, do mesmo repositório craniológico (³), as diferenças acentuam-se. Veja-se, por exemplo, a curva ântero-posterior:

	5 mongoes	N.º 1 de Mugem
Parte frontal	136 ^{mm} .	110 ^{mm} .
„ parietal	122 ^{mm} .	131 ^{mm} .
„ occipital	114 ^{mm} .	134 ^{mm} .

As três regiões, no seu desenvolvimento ântero-posterior, colocam-se exactamente por ordem oposta, daquela série para o crânio 1 de Mugem. A verticalidade post-obélica, a norma superior trapezoidal, e o alargamento da região posterior sugerem nalguns braquicéfalos preneolíticos de Mugem aproximações com o tipo *Acrogonus*, que LAPOUGE pretendeu estabelecer na Europa preistórica, e que ainda hoje pretende reconhecer nalgumas formas, como no seu *Acrogonus cebennicus* (⁴).

(¹) QUATREFAGES ET HAMY — *Crania Ethnica*, Paris, 1882, texte, p. 403.

(²) *Ibid.*, p. 404.

(³) *Ibid.*, p. 407.

(⁴) V. DE LAPOUGE — *Race et milieu social*, Paris, 1909, p. 69. Id. — *Les selections sociales* — Paris, 1896, p. 25; e ainda CH. DE UJFALVY — *Les Aryens au nord et au sud de l'Hindou-Kouch* — Paris, 1896, pp. 454 e 455, etc.

Voltaremos ao assunto. O que desde já asseveraremos é que os crânios de Muges não apresentam unidade de tipo, permitindo crêr mesmo, pela sua heterogeneidade, que são, como para os de Ofnet afirma GIUFFRIDA-RUGGERI, formas "indiferenciadas," (1), ou que então, pela sua coexistência com tipos não braquioides, são mestiços. A fronte inclinada, as arcadas supraciliares, o prognatismo, que se constatam num ou noutro espécimen, não se opõem a que suspeitemos duma influência do próprio *Homo taganus* (tipo dolicocefalo de Muges) (2).

Por análogas razões às que alegamos para a impossibilidade da sua identificação com as raças mongólicas, temos de nos abster de qualquer identificação ou aproximação, de carácter definitivo, com os braquicefalos europeus actuais. Ignorando os seus índices verticais, por exemplo, tudo o que nesse sentido quizessemos dar como estabelecido, pecaria pela base. GIUFFRIDA-RUGGERI escreve que os braquicefalos que, em pequeno número, chegaram, do Oriente, a Portugal naquela época remota, "não tiveram uma posteridade numerosa," (3). Pela nossa parte, confessamos que não pudemos averiguar se de facto os braquicefalos neolíticos e talvez alguns post-neolíticos do nosso território constituem o resultado de novas migrações, sem que nêles exista qualquer dose de sangue dos braquioides de Muges. Parece-nos, entretanto, que êstes se não extinguiram logo completamente.

O crânio XII do Cabeço da Arruda que examinámos na Secção Geológica de Portugal, afigurou-se-nos também braquioide e possui arcadas supraciliares salientes. O crânio XXXIII da mesma colecção é muito braquicefalo, de arcadas salientes, fronte inclinada. Há um braquicefalo da série da Moita de S. Sebastião, globuloso, prognata, fronte oblíqua e larga, occiput

(1) *Antropologia e archeologia in taluni riguardi della preistoria europea* — "Archivio per l'Antrop. e l'Etnol.," — Vol. XLVI — Firenze, 1917, p. 30 do extr.

(2) MENDES CORRÊA — *Sobre uma forma craniana*, etc. op. cit., p. 27.

(3) GIUFFRIDA-RUGGERI — *Quattro crani preistorici della Italia meridionale* — "Arch. per l'Antrop. e l'Etnol.," — XLV — Firenze, 1916, p. 305.

convexo, mas não sabemos se corresponde à civilização dos *kjoekkenmoeddinger* ou a outra muito posterior, ali também encontrada.

No neolítico português há a registar dois ou três crânios do Algarve, cujo estudo não foi publicado, uma calote da gruta do Carvalho, um fragmento de Casa da Moura, um crânio de Liceia. Êste último recorda pela sua norma vertical o feminino de Muges, já referido. O de Casa da Moura aproxima-se, pela mesma norma, do masculino braquicéfalo de Muges, estudado por PAULA E OLIVEIRA, e, pelo perfil, do feminino, tendo apenas a curva superior menos regular, quasi horizontal (¹).

A calote do Carvalho é por o mesmo autor descrita com o contorno horizontal dum trapézio e com os seguintes caracteres métricos principais (²):

	Carvalho, ♂
Índ. cefálico	88,00
„ frontal.	60,39
„ estefânico (³).	75,00
Curva horizontal total	522 ^{mm} .

Posta em confronto com o braquicéfalo masculino do Cabeço da Arruda, que foi medido por FERRAZ DE MACEDO e que se encontra na antiga Escola Politécnica, hoje Faculdade de Ciências de Lisboa, esta calote apresenta com êle algumas afinidades, se bem que a sua braquicefalia e o seu estreitamento frontal são ainda maiores, como se vê nos números seguintes:

	Cabeço da Arruda, ♂ (⁴)
Índ. cefálico	86,39
„ frontal.	63,70
„ estefânico.	80,17

(¹) PAULA E OLIVEIRA -- *Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne* — "C.-R. du IX^e Congrès d'Anthrop. et Arch. Préhistor. (1880) — Lisbonne, 1884. Pl. IV.

(²) *Ibid.*, p. 310, tabela.

(³) Por nós calculado sobre os dados de PAULA E OLIVEIRA.

(⁴) Medidas de FERRAZ DE MACEDO, em JOÃO BONANÇA — *História da Lusitânia e da Ibéria* — Liv. I a VI, Lisboa, 1887, p. 549.

É, portanto, presumível que os braquimorfos azílio-tarde-noisienses do Vale do Tejo se não tenham extinguido completamente durante o neolítico (1). Mas, como para aquêles, são muito precários os dados relativos aos nossos braquicéfalos neolíticos, o que dificulta uma sua justa classificação.

Os braquicéfalos do neolítico europeu terão as suas guardas avançadas em Ofnet e em Mugem, e as possíveis afinidades dos crânios do Carvalhal e Liceia com os do Cabeço da Arruda, como os dos braquicéfalos de Mugem com os de Grenelle e de Furfooz, afirmadas por PAULA E OLIVEIRA e HERVÉ, conduzem-nos a admitir a possibilidade de filiar muitos neolíticos na mesma estirpe genealógica dos braquioides pre-neolíticos. Assim, para explicar a aparição daquêles na Europa não haveria a necessidade indeclinável de invocar novas migrações do Oriente, porque a alvorada da pedra polida deveria já ter encontrado, nesta parte do mundo, indivíduos de crânio largo e curto. Mas não há também fundamento para contestar formalmente a existência de migrações sucessivas, algumas mesmo duma equal origem étnica.

Sabe-se, de facto, que, embora não estejam cabalmente feitas ainda a sistematização e a crítica dos documentos antropológicos relativos aos braquicéfalos do neolítico da Europa (2), de maneira alguma êsses documentos testemunham unidade morfológica (3), e dêste modo, impõe-se-nos acreditar ou que houve novas infiltrações e movimentos de povos braquicéfalos de outra origem, durante o período da pedra polida, ou que as formas preneolíticas sofreram profundas transformações, ou enfim que uma e outra hipótese se realizaram.

Com o alvorecer das idades dos metais perde-se entre nós o fio da braquicefalia. As estações protoistóricas não nos

(1) Escreve HERVÉ sôbre as estações do neolítico português: "Nous retrouvons ici, tout d'abord, une minorité brachycéphale, offrant dans ses formes crâniennes, aussi bien chez l'homme que chez la femme, une ressemblance manifeste avec les brachycéphales de Mugem." (Op. cit., p. 274).

(2) V. DE LAPOUGE — *Race et milieu social* — Op. cit., p. 43, pelo que se refere em especial à França.

(3) DECHELETTE (J.) — *Manuel d'Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-romaine* — I — Paris, 1908, p. 485.

tem fornecido braquioides, mas tão restritos são entre nós os dados antropológicos colhidos nessas estações, que não é legítimo afirmar que os elementos de crânio largo se tenham então extinguido em Portugal, como não é razoável pretender negar que novos imigrantes braquicéfalos tenham afluido nessas épocas ao nosso território.

Só em relação à época da dominação romana, se reata entretanto sobre documentos sólidos o fio da braquicefalia. Esta surge, a par duma maioria mesati-dolicoide, numa série de supostos lusitanos, que, na época romana, viveram no Algarve, reduzidos à situação de escravos ⁽¹⁾. Segundo ÁLVARO BASTO ⁽²⁾, em 10 casos, 2 eram doliocéfalos, 3 sub-dolicefalos, 1 mesaticéfalo, 2 sub-braquicéfalos e 1 braquicéfalo. Nos registos de FERRAZ DE MACEDO encontramos que em 7 crânios ♂ da época romana do Algarve havia apenas 1 braquicéfalo, ao passo que em 4 ♀ havia 3 sub-braquicéfalos. Nos mesmos registos, mais adiante, em 5 crânios ♂ da época romana daquela província apontam-se 2 sub-braquicéfalos, e, em 10 ♀, 1 braqui e 2 sub-braquicéfalos. A estes últimos se refere talvez ÁLVARO BASTO.

O crânio n.º 4 ♂ (n.º 17 do Museu do Algarve) tem, segundo os dados de F. DE MACEDO, os seguintes caracteres principais:

N.º 4 ♂, Algarve (época romana)	
Índ. cefálico	85,55
„ vértico-longo.	72,77
„ vértico-transverso	85,06
„ frontal.	61,04
„ estefânico.	75,80
Circunf. horizontal total.	529 ^{mm.}
Módulo de Schmidt	155

Não se puderam determinar os índices facial, orbitário e nasal, de modo que apenas é permitido notar que ainda neste braquicéfalo há o estreitamento frontal característico de espe-

⁽¹⁾ Dados de F. DE MACEDO em *Hist. da Lusitânia*, etc. Op. cit., p. 549 e segs.

⁽²⁾ ÁLVARO BASTO — *Índices cefálicos dos Portugêses*, Coimbra, 1898, p. 64.

cimens de Muges e do Carvalhal. Mas o perfil d'êste crânio representado por ESTÁCIO DA VEIGA (1) não se assemelha a nenhum dos crânios primitivos de Muges. Lembra um da gruta de Cezareda, e o tipo *neobraquimorfo*, a que adiante aludiremos.

O feminino n.º 9 (n.º 10 do Museu do Algarve) é sub-braquicéfalo, de fronte pouco mais larga, mas de nítida tendência hipsicéfala. O índice orbitário é elevado, mais elevado mesmo do que o do crânio n.º 1 de Muges:

N.º 9, ♀, Algarve (época romana)	
Índ. cefálico	82,63
„ vértico-longo.	78,44
„ vértico-transverso	94,92
„ frontal.	63,77
„ estefânico.	80,73
„ orbitário	94,59
Circunf. horizontal total.	481 ^{mm.}
Módulo de Schmidt	145,3 (2)

Num cemitério romano de Viana do Alemtejo, do IVº ou do Vº século, estudado sob o ponto de vista arqueológico pelo sr. FÉLIX ALVES PEREIRA (3), encontraram-se alguns crânios cujas fotografias foram analizadas pelo sr. dr. A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA, que emitiu o parecer de que êsses crânios não eram de invasores bárbaros da raça nórdica, mas doliocéfalos occipitalizados “da raça primitiva da península,, e 2 dêles mestiços de doliocéfalos e braquicéfalos, de norma vertical nítidamente pentagonal (um de Muges parece-nos um tanto pentagonoide), e face larga, como as órbitas e aberturas nasais. “O contorno da face, quási quadrada, a horizontalidade do bôrdo inferior das maxilas, e a forma arredondada do mento, lembram mesmo certos crânios romanos . . .,, Estas conclusões antropológicas harmonizam-se com os dados propriamente ar-

(1) ESTÁCIO DA VEIGA — *Antiguidades monumentais do Algarve* — Vol. II, Lisboa, 1887, p. 498 e estampa 2.^a.

(2) Dados inéditos colhidos nos registos de FERRAZ DE MACEDO.

(3) *Antiguidades de Viana do Alemtejo* — “Arqueol. Português,, — 1904 e 1905.

queológicos, sobretudo com a forma rectangular das sepulturas, em opposição à forma trapezoide das sepulturas dos cemitérios germânicos, como dos de Alcoutão e Abujarda (1).

Em supostos lusitanos e romanos duma necrópole de Vila Franca de Xira encontrou FERRAZ DE MACEDO sub-dolicocéfalos, mesaticéfalos, apenas um dolicocefalo e nenhum braquicefalo (2). Apesar da ausência de braquicefalos propriamente ditos, vê-se que a influencia dum elemento de crânio largo está expressa na mesaticefalia dominante.

Nas sepulturas de Alcoutão e Abujarda foi apontada a existência do tipo nórdico, mas dos crânios exumados descreveu PAULA E OLIVEIRA apenas um exemplar, e dolicocefalo. Ora nós na numerosa série, que se encontra na Secção Geológica, destacámos pelo menos um braquicefalo, que julgamos inédito e que nos pareceu ter muitas semelhanças com o n.º 1 de Muggem. Mas diverge bastante d'este na largura da frente e índice nasal. É alto, de frente relativamente larga, de face larga e prognata, mesoconco, bastante leptorrínico, caracter este que já resultará da influencia nórdica. As medidas que pudemos tomar são as seguintes:

	N.º 1 (ou VII?) de Alcoutão
Diam. ântero-posterior max.	165mm.
„ transverso max	137mm.
„ frontal mínimo	97mm.
„ frontal max.	109mm. (?)
Largura orbitária	41mm.
Altura orbitária	36mm.
Largura nasal	22mm.
Altura nasal	56mm.
Índ. cefálico	83,3
„ frontal	70,8
„ estefânico.	89,0
„ orbitário	87,8
„ nasal	39,3

(1) A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA — *Contribution anthropologique à l'étude de quelques cimetières anciens du Portugal* — "Bull. et Mém. de la Soc. d'Anthr. de Paris" — 1914, pp. 197 a 199.

(2) ÁLVARO BASTO — Op. cit., p. 64. F. DE MACEDO — *Lusitanos e romanos em Vila Franca de Xira* — Lisboa, 1893.

É agora se abre amplo hiato no estudo da evolução da braquicefalia em Portugal. Só em exemplares contemporâneos se constata de novo essa forma craniana. Em crânios do Algarve da época árabe os registos de FERRAZ DE MACEDO não dão senão doliocéfalos. Mas, na realidade, a antropologia portugêsa dos tempos históricos — até um período relativamente recente — está quasi inteiramente por fazer, nem abundam os dados para lançar mãos à obra. A arqueologia protoistórica e histórica tem registado numerosas descobertas de sepulturas, necrópoles e cemitérios, e várias vezes se tem exumado algumas peças ósseas, mas, excluindo as já referidas, poucas tem sido conservadas e aproveitadas convenientemente. Liga-se em geral mais importância à arqueologia do que à antropologia propriamente dita. Ora a verdade é que, se tem interesse o estudo dos costumes, modo de viver e civilização das populações antigas do território, não deixa também de o ter o estudo do tipo físico dessas populações.

*

É pequena a proporção de braquicéfalos na população portugêsa de hoje. Na série craniológica de FERRAZ DE MACEDO, bastante numerosa, a percentagem de braquicéfalos não passa de 6,0 % para o sexo masculino e de 8,0 % para o feminino, quando em Espanha ascende a 26,5 %, e na Itália a 74,0 %. Pelo contrário, a percentagem de doliocéfalos naquela série é de 56,8 % (1). No vivo, a percentagem de braquicéfalos (índ. > 83) em Portugal, é de 14,9 %, ao passo que em Espanha é de 26,9 %, na Itália de 74,1 %, em França 77,0 % (2). Há uma acentuada diferença entre as percentagens obtidas, no nosso país, no crânio e no vivo, mas o facto tem talvez explicação na diversidade de proveniência da série craniológica e das séries de vivos, que serviram de base aos computos indicados.

(1) ÁLVARO BASTO — Op. cit., p. 29.

(2) FONSECA CARDOSO — *Anthropologia portugêsa* — In "Notas sobre Portugal", Vol. I, Lisboa, 1908, p. 67.

Pelos índices cefálicos médios são o Minho e o Algarve, e em seguida a Extremadura e o Alemtejo, as províncias do país em que mais se faz sentir uma influência braquioide, se bem que em nenhuma delas o índice médio no vivo exceda 78,7. Pelo contrário, é em Trás-os-Montes e nas Beiras que se albergam as populações mais dolicocefalas (1). Segundo SANT'ANA MARQUES, as maiores percentagens de índices superiores a 80 são fornecidas pelos distritos de Braga, Leiria, Santarem, Beja e Faro (2).

Não podiam, porém, considerar-se como estabelecidos o tipo ou os tipos físicos a que aquela ligeira elevação de índice médio provincial é devida. FONSECA CARDOSO destacou no Minho entre os elementos etnogénicos uma raça braquicéfala, que identificou com a de Grenelle, descrevendo-a dêste modo: "pequena estatura, morena; a cabeça globulosa (índ. cef. médio de 84,7) com a linha ântero-posterior um tanto convexa na frente e caíndo mais verticalmente na parte occipital; o rosto curto e largo (índ. ânt. médio 65,2) com os pómulos bem acusados, o nariz côncavo e mesorrínico, a glabella pouco saliente, e as orelhas destacadas.". E acrescenta: "Esta raça, a primeira emigrante no nosso solo, ligou-se íntimamente com a autoctone, dando causa à mesaticefalia do minhoto de hoje. Os seus representantes actuais, misturados com os outros elementos étnicos na massa da população, formam, no emtanto, um certo agrupamento interessante na parte montanhosa do concelho de Viana. A sua percentagem na minha série é de 10 0/0, mas como se sabe, ela foi mais forte no nosso país nos tempos neolíticos, de 29 0/0, segundo a série estudada pelo malogrado PAULA E OLIVEIRA. Quando observei certos representantes mais puros desta raça, uma coisa me impressionou: foi o aparência, o ar mongoloide, permita-se-me a expressão, à falta de melhor, que

(1) *Ibid.*, p. 68. Cf. também MENDES CORRÊA — *Antropologia da Beira Alta*. Extr. do "Instituto", Coimbra, 1917, pp. 2 e 3.

(2) SANT'ANA MARQUES — *Estudo da anthropometria portuguesa* — Lisboa, 1898, p. 4.

todos êles tinham,, (1). Na constituição do *fundo indígena* da população piscatória da Póvoa de Varzim discrimina o mesmo autor as duas raças, íntimamente fundidas: "a dolicocefala, mesoprósopa, morena, de pequena estatura, e a braquicefala mongoloide...,, (2)

Estudando o ossuário de Ferreiró, Vila do Conde, FONSECA CARDOSO e RICARDO SEVERO determinam, como já dissemos, um tipo braquicefalo, que identificam com o de Grenelle e o mesolítico de Mugem, e descrevem com êstes caracteres: "O ovoide craniano é de contorno arredondado, globuloso, característico desta forma de crânio largo, com maior largura na região posterior, e a curva ântero-posterior ergue-se até ao bregma, fazendo uma frente levantada, sem acusar saliência das arcadas supraciliares e bossas frontais; tem aí uma parte achatada ou horizontal de pequena extensão e dirige-se quási verticalmente para o lambda, onde forma ligeira depressão, para seguir com a mesma curvatura até ao inion, inflectindo-se para a parte inferior do crânio...,, Acrescentam que o tipo braquicefalo virtual que resulta das suas medidas tem órbitas mesosemas, nariz mesorrínico e "outros elementos distintivos que preparam o conjuncto mongoloide da raça,, (3).

Idênticas asserções faz FONSECA CARDOSO no seu artigo, já citado, *Antropologia Portuguesa*, a propósito dos elementos antropológicos que constituem o substrato da população portuguesa. Levar-nos-ia longe transcrever tudo.

O sr. dr. COSTA FERREIRA, estudando especialmente a capacidade craniana, chegou à conclusão de que em Portugal há 3 tipos mesaticéfalos: um, minhoto, de baixa estatura, leptorrínico e de grande capacidade, que atribuiu à influência dum elemento referível ao tipo de Grenelle e considerou uma prova da invasão *celta* no Minho; outro, alemtejano, alto, leptorrínico, de cabeça pequena, provávelmente de origem semita; enfim,

(1) *O minhoto de Entre Cávado e Ancora* — "Portugalia,, t. I. Pôrto, 1899, pp. 30 e 31.

(2) *O poveiro* — "Portugalia,, t. II. Pôrto, 1908, p. 23.

(3) *O ossuário da freguezia de Ferreiró*, op. cit., p. 23.

um terceiro, algarvio, mesorrínico, de cabeça mais próxima da média, talvez de origem bérbere (1).

Se, no nosso trabalho *Criminosos Portugêses* (2), reflectindo a opinião de FONSECA CARDOSO, fugitivamente falámos na influência da raça braquicéfala *do tipo de Grenelle* no Minho e no Algarve, em todos os outros trabalhos nos abstermos sistematicamente de considerar definitiva qualquer classificação dos elementos braquioides que entram na composição do povo português, registando com reservas as identificações que tem sido feitas.

E a verdade é que tanto do que já ficou escrito sobre braquicéfalos antigos de Portugal, como das linhas seguintes, se depreende que algumas dessas identificações tem sido prematuras e insufficientemente fundadas. O nosso comentário se dirige em especial aos estudos de FONSECA CARDOSO, que por êle não ficará apoucado na sua alta reputação de antropólogo, a que tantas vezes temos rendido espontânea homenagem.

No *Ossuário da freguezia de Ferreiró*, o autor diz-nos que a sua descrição do tipo braquicéfalo se refere a um *tipo virtual* (3). Assim deve ser também quando no *Minhoto de Entre Cávado e Âncora* acusa uma especial representação dêsse tipo no concelho de Viana, pois que, descrevendo-o *mesorrínico*, é exactamente nesse concelho que aponta uma mais intensa *leptorrinia*:

	Índices nasais médios
Viana	62,3
Ponte de Lima	68,2
Barcelos	65,4

E é também Viana que apresenta maiores percentagens de hiperleptorrínicos e de leptorrínicos, e menor de mesorrínicos (4).

(1) A. AURÉLIO DA COSTA FERREIRA — *Crânios portugêses* — III — *Capacidade* — "Instituto", Coimbra, 1899, p. 101 do extr.

(2) Coimbra, 1914. 2.ª edição, p. 160.

(3) V. atrás noõsa transcrição do respectivo trecho.

(4) *O minhoto*, etc. Op. cit., p. 27.

	Mesorrínicos %
Viana	7,6
Ponte de Lima	30,0
Barcelos	19,7

Ainda um facto curioso: tendo Viana 13 % de braquicéfalos, ao passo que os outros dois concelhos não atingem 6 %⁽¹⁾, a proporção de mesorrínicos ali atinge apenas 7 %, dos quais ainda haverá a deduzir uma forte proporção a repartir pelos mesati e dolicocefalos, que mais ou menos acidentalmente apresentam índices nasais elevados.

Consultando, por outro lado, os registos craniométricos sobre que FONSECA CARDOSO elaborou o seu trabalho a respeito do ossuário de Ferreiró, verificamos que dos 7 crânios de índice superior a 80, só 2 eram mesorrínicos: os 5 restantes eram leptorrínicos, e um daqueles 2 estava no limite inferior da mesorrínia (48,0). Nos 24 crânios não braquioides havia 5 mesorrínicos e 3 platirrínicos. Assim, enquanto o índice nasal médio da série braquioide é de 45,6, o da série não braquioide é de 46,8. Temos de confessar que sobre tais dados não pode bem assentar a característica mesorrínica do tipo braquicéfalo, mesmo *virtual*...

O que sucede com o índice nasal, repete-se até certo ponto com o índice orbitário. Descreve FONSECA CARDOSO o mesmo tipo braquicéfalo com órbitas mesosemas. Ora dos 7 braquioides de Ferreiró só 2, segundo os nossos cálculos, são de órbitas mesosemas: todos os outros são cameconcos, nenhum hipsiconco.

E assim, sem mesorrínia e ainda sem mesoconquia, começa a desmoronar-se “o conjuncto mongoloide da raça”, de que falava o falecido antropólogo num trecho atrás reproduzido.

Vejamos, porém, sobre o maior número de dados que pudemos colher, se é lícito definir mais rigorosamente o tipo ou tipos dos braquioides portugueses.

(1) *Ibid.*, p. 23.

*

Materiais de diferentes proveniências utilizámos para um estudo da braquicefalia na população actual do nosso território: os próprios dados de FONSECA CARDOSO, alguns exemplares da série FERRAZ DE MACEDO, da Faculdade de Ciências de Lisboa, e emfim exemplares da colecção craniológica de cerca de 200 portugueses contemporâneos, que obtivemos para o incipiente Gabinete de Antropologia da Faculdade de Ciências do Pôrto.

O estudo que nos propuzemos efectuar, poderia decompôr-se em 2 partes: uma, mais sumária, assentando apenas nos principais índices de 29 crânios braquicéfalos masculinos, e apenas 2 femininos, que provinham, 5 ♂ e 2 ♀ do ossuário de Ferreiró, 20 ♂ da série da Faculdade de Ciências de Lisboa, e 4 ♂ da série da Faculdade de Ciências do Pôrto; e uma outra parte, mais analítica, mais detalhada, assentando no estudo de 4 dos crânios da Faculdade de Lisboa e dos 4 da do Pôrto. Os exemplares de Ferreiró, conhecemo-los apenas através dos registos de FONSECA CARDOSO; os de Lisboa não só através dos registos de FERRAZ DE MACEDO, mas ainda por observações originais que directamente lá realizámos, por amável concessão do sr. prof. BALTAZAR OSÓRIO; emfim os dados relativos aos crânios da colecção portuense são inteiramente da nossa observação pessoal. Os 31 crânios da primeira parte do nosso estudo são de proveniências assim repartidas:

Entre Douro e Minho	12
Beira Baixa	1
Extremadura	13
Alemtejo	2
Algarve	2
Incerta (talvez Entre Douro e Minho)	1

 31

Os dois crânios femininos de Ferreiró, que pelo sexo destacaremos do resto da série, são pouco homogêneos. Um é de

grande capacidade, braquicéfalo, de frente larga, criptozigo, de face pouco alongada, cameconco, leptorrínico (¹). O outro é de capacidade regular, sub-braquicéfalo, ortocéfalo pelo índice vértico longo, quási ortocéfalo pelo i. v.-transverso, de frente mais estreita, face ligeiramente mais alongada, órbitas mesosemas, mesorrínico. Infelizmente nem na nossa série da Faculdade do Pôrto há braquicéfalo algum feminino, nem nas nossas curtas estadas em Lisboa tivemos tempo de destacar na série de FERAZ DE MACEDO mais do que os braquioides masculinos. Assim, não cuidaremos de insistir em semelhanças ou diferenças sexuais nos braquioides portugueses contemporâneos.

Nos 29 crânios ♂, o índice cefálico médio é de 81,5, isto é, correspondendo à sub-braquicefalia (na nomenclatura de DENIKER). De facto, para 27 sub-braquicéfalos há na série apenas 2 braquicéfalos propriamente ditos. Se fôsse lícito considerar concludente o estudo dêstes crânios separando na pequena série os do Entre Douro e Minho, os do centro do país (Beira e Extremadura) e os do sul (Alemtejo e Algarve), seria a esta última região que corresponderia a média mais braquicéfala (82,9 — *assente apenas sobre 4 crânios e portanto duvidosa*), seguindo-se, em ordem decrescente dos índices médios, Entre Douro e Minho (81,7), e ficando em último lugar (80,9) a Extremadura (incluindo 1 exemplar da Beira Baixa). Mas, se adiante para outros índices e sobre diferenças mais avultadas, ligaremos importância a esta distinção regional, não o faremos para o índice cefálico.

O índice vértico-longo permite distinguir 8 platicéfalos, 11 ortocéfalos e 10 hipsicéfalos, com o índice médio de 74,5, ortocéfalo, quási hipsicéfalo. Os 4 crânios das duas províncias meridionais são os que teem o índice médio mais baixo (72,3), mais vizinho da platicefalia, ao passo que na Extremadura e no Entre Douro e Minho, a tendência hipsicéfala acentua-se (res-

(¹) No registo craniométrico de FONSECA CARDOSO é dado para êste crânio um diâmetro vertical tão exagerado, que crêmos estar em presença dum lapso. Não pudemos assim determinar para êle os índices verticais, o módulo, etc.

pectivamente 74,8 e 74,9). Esta diferença de índices médios corresponde a diferenças nas proporções dos grupos em que o índice vértico-longo permite repartir os crânios. Nenhum dos hipsicéfalos da série é das províncias do sul, e a tendência hipsicéfala parece acentuar-se para a Extremadura e norte. Em Espanha o fóco de braquicefalia cantábrica opõe ao fóco de braquicefalia extremeña uma platicefalia contrastando com a hipsicefalia dêste último. Assim, dum modo geral, os braquicéfalos de Entre Douro e Minho e da nossa Extremadura teriam mais afinidades com os da Extremadura espanhola do que com os da região Cantábrica. Mas é preciso não esquecer que na nossa Extremadura como Entre Douro e Minho há hipsicéfalos e há platicéfalos, e as médias do índice vértico longo não atingem a hipsicefalia, embora dela pouco se distanciem.

O índice vértico-transverso, cuja significação na avaliação da altura dos crânios braquioides seria a nosso vêr maior do que a do vértico-longo, se se adotasse para êstes crânios uma classificação de índices vértico-transversos diferente da usada para os dolicoídes (¹), distingue na série 17 platicéfalos, 9 ortocéfalos e 3 hipsicéfalos, sendo o índice médio de 91,4, isto é, duma platicefalia confinando com a ortocefalia. Mas na apreciação das diferenças regionais, êste índice surge tão formal como o anterior. A Extremadura (com o exemplar da Beira Baixa) toma a primazia com 92,3 de índice médio; segue-se, a pequena distância, o Entre Douro e Minho com 91,7; bastante inferior o sul do país com 87,3.

Pareceu-nos interessante determinar o índice frontal mínimo da série pela importância que se liga nalgumas formas

(¹) Na nossa opinião, as relações vértico-modulares são superiores a qualquer dos índices na descriminação das formas cranianas altas e baixas. ARANZADI adota a relação 87,5 como limite inferior das formas cranianas altas e a de 86,8 como limite superior das baixas. (Cf. *Dimensiones de la calvaria en España y sus relaciones de conjunto*. Extr. do "Bol. de la R. Soc. Española de Hist. Nat.", -- 1915, p. 321, fig.; e ainda MENDES CORRÊA — *Sobre uma forma craniana*, etc., op. cit., pp. 11 e 14. Adiante, em exemplares estudados com maior detalhe adotaremos êste método das relações modulares.

braquicéfalas ao estreitamento frontal. O índice médio em 24 exemplares era de 67,3, que não diferindo muito da média geral portuguesa (69,7, segundo FERRAZ DE MACEDO) exprime talvez entretanto, uma leve tendência para a stenometopia, cabendo notar, porém, que está longe de atingir esta no grau que caracteriza alguns crânios braquicéfalos primitivos. Nos nossos braquioides hipsicéfalos (pelo índ. vértico-longo) a média é de 66,8 ao passo que nos platicéfalos é de 68,6. A fronte seria portanto mais estreita nos hipsicéfalos, se bem que a diferença não é de vulto.

O índice orbitário médio é de 85,3, isto é, nítidamente mesoconco, havendo 9 cameconcos, 15 mesoconcos e apenas 5 hipsiconcos. A tendência para a elevação do índice orbitário em relação à população geral do país é, porém, nítida, quer adotemos o índice médio geral de 82,6 com FERRAZ DE MACEDO, quer talvez mesmo, o, menos amplamente fundado, de 84,5, dado pelo sr. V. DE OLIVEIRA (1). É curioso que em média são os ortocéfalos da série os portadores de órbitas mais altas (86,9), sendo os hipsicéfalos dum índice inferior (84,8) e os platicéfalos já cameconcos, embora quási no limite da mesoconquia (83,9). Mas não há homogeneidade, relativamente ao índice orbitário, em nenhum dos grupos. Na distribuição regional é que um facto avulta: a média cameconca (83,1) dos braquioides de Entre Douro e Minho, em contraste com os índices mesoconcos dos restantes braquioides (centro 86,9, sul 85,7). Já para a população da Extremadura, Douro e Minho, em geral, o sr. V. DE OLIVEIRA notara que as duas últimas províncias apresentavam médias inferiores à da primeira, e um excesso de crânios cameconcos sobre os hipsiconcos. Na nossa série de Entre Douro e Minho mais de metade dos braquioides estudados é de órbitas microsemas.

Relativamente ao índice facial superior de BROCA (2), a média (67,9) é bastante inferior à média geral portuguesa (71,8,

(1) MENDES CORRÊA — *Antropologia*. Pôrto, 1915, p. 128.

(2) TOPINARD — *Éléments d'Anthropologie Générale*. — Paris, 1885, pp. 920 e 921.

segundo FERRAZ DE MACEDO), correspondendo a uma face mesosema (na nomenclatura de BROCA), embora diferindo uma unidade apenas da megasemia. Em 10 exemplares a face é curta ou microsema, em 9 é mesosema, e em 10 é longa ou megasema. Os hipsicéfalos são os que em média teem face mais megasema (69,1), os platicéfalos ainda resvalam pela megasemia (68,6). Particularidade curiosa: são os ortocéfalos os de face mais curta, com um índice médio vizinho da microsema, 66,3. Como pelo índice orbitário, os braquioides ortocéfalos destacam-se também, pela forma da face, da média geral portuguesa, mais fortemente do que os plati e hipsicéfalos. Sob o ponto de vista regional, não nos parece que seja possível tirar amplas conclusões dêste índice, a que de resto é hoje substituído, pelos antropólogos, com vantagem, o índice facial superior de KOLLMANN, por nós adiante adotado também para alguns crânios estudados com mais detalhe.

O índice nasal corresponde a uma nítida leptorrinia (44,5), quási igual à média geral portuguesa, que é de 44,4, segundo as observações de FERRAZ DE MACEDO, 44,7 segundo as de MASCARENHAS DE MELO, e 45,6 segundo as nossas (1). Em 29 exemplares só há 2 mesorrínicos e 1 platirrínico. Os restantes 26 são todos leptorrínicos. A leptorrinia parece ser mais acentuada nos hipsicéfalos (43,7), que, como vimos, são também os que teem a face mais alongada, mostrando assim harmonia entre o alongamento facial, nasal e o desenvolvimento do crânio em altura. Nos platicéfalos o índice médio é de 44,4, e nos ortocéfalos de 45,5, que ainda para êste índice se destacariam num sentido especial, se essa média excedesse muito a média geral portuguesa e se para ela não contribuisse o único platirrínico da série, o qual se encontra no grupo dos ortocéfalos e é um dos exemplares do Alemtejo. Se não entrarmos em linha de conta com êste crânio, os índices médios regionais dos nossos braquioides pouco diferem: Entre Douro e Minho, 44,3;

(1) MENDES CORRÊA — *Sobre a abertura nasal no crânio dos mamíferos*. Extr. dos "Anais da Acad. Politécnica do Pôrto", Coimbra, 1916, p. 41.

Extremadura (e B. B.), 43,9; sul, 43,9 (ou 47,1 com o platirrínico).

Nos crânios de Entre Douro e Minho outros dados craniométricos, além dos expostos, foram recolhidos. A capacidade é variável. A média nos exemplares em que se determinou é de 1511^{cc.}, indo os valores individuais de 1365^{cc.} a 1630^{cc.}. É uma média regular, mais baixa, porém, do que a média portuguesa. O módulo de SCHMIDT determinado em todos os exemplares da região, é, em média, de 150,9, que não se pode dizer elevado.

Pelas relações vértico-modulares distinguimos também na série do norte, os crânios altos, dos baixos. A média, de 87,6, está no lugar intermédio entre as duas formas, tendendo, porém, à hipsicefalia. Em Espanha, ARANZADI considera alto, o tipo braquioide extremenho com mais de 87,4, e baixo o cantábrico com menos de 86,8. Na nossa série do norte, 3 crânios tem relações de 86,8, 87,1 e 87,2, que consideraremos intermédias, 5 têm relações superiores a 88, e apenas 3, relações inferiores a 86,8. Predominam portanto os crânios altos.

O índice facial superior de KOLLMANN, só o pudemos determinar nos crânios do Minho e Alemtejo, da colecção de Lisboa, e nos da colecção do Pôrto. A média é de 53,6, leptoprósopa, embora um pouco inferior à média geral portuguesa (54,3, segundo o sr. BARROS E CUNHA) (1). Todos são leptoprósopos (índ. > 50), menos um, do Alemtejo.

O índice alveolar ou do prognatismo, nos mesmos crânios, é, em média, de 95,9, francamente ortognata, e pouco diferindo da média portuguesa calculada pelo sr. RIBEIRO GOMES (94,97) (2). Classificando os crânios por êste índice todos são ortognatas, menos 2, um do Minho e outro do Alemtejo (platirrínico), que são mesognatas. Determinámos também o ângulo facial de RIVET, que nos deu, em média, 72°42' que, na classificação de

(1) BARROS E CUNHA — *Contribuições para o estudo da Antropologia portuguesa* — II — *Índice facial superior dos portugueses* — Coimbra, 1914.

(2) FELISMINO RIBEIRO GOMES — *Contribuições para o estudo da Antropologia portuguesa* — I — *O prognatismo dos portugueses* — Coimbra, 1914.

RIVET, corresponde a um pequeno mesognatismo, quási ortognatismo. Entende, porêm, ARANZADI (1), que nos crânios de índice gnático inferior a 100 o ângulo intra-facial é melhor expressão de prognatismo do que o facial. Ora a média de tal índice nos mesmos crânios é de 66°8', colocando-os na lista de ARANZADI (2) entre os baixo-bretões e os suíços (Valais), quási ortognatas.

O índice estefânico é, em média, de 80,6, inferior ao da população portuguesa em geral (83,4 segundo FERRAZ DE MACEDO) o que é paralelo à diferença constatada para o índice frontal mínimo. Há uma leve tendência stenometopa, filiada decerto na própria braquicefalia, que é uma braquicefalia sobretudo parietal (Cf. *Est. I*, figs. 1 e 3).

O índice estefano-zigomático nos mesmos crânios e nos de Ferreiro é, em média, de 93,0, francamente fenozigo. Só um exemplar (do Pôrto, *Est. I*, figs. 1 e 3) e talvez outro (de Ferreiro) são criptozigos.

Os caracteres descritivos, estudei-os nos crânios do Minho e Alemtejo, e nos do Pôrto. Predominam crânios mais ou menos globulosos cuja norma superior é um ovoide largo (*Est. II*, fig. 9); nalguns é quási esferoide (*Est. I*, fig. 3). Apenas se registaram 1 ou 2 esfenoídes e 1 euri-pentagonoide (*Est. I*, fig. 6).

Na norma lateral, a frente é na maioria dos casos pouco inclinada, quási vertical, e o occiput, ora é de convexidade acentuada (*Est. II*, fig. 10), ora quási vertical com inflexão obélica mais ou menos brusca. Esta última forma do occiput não é tão freqüente como a anterior, e também só em 1 ou 2 casos (*Est. II*, fig. 8) se regista o *chignon* occipital tão característico de certos tipos cranianos. A parte média do perfil craniano ora surge quási horizontal (num alemtejano é em linha inclinada para baixo e para trás), ora (mais freqüentemente) é em arco regular,

(1) TELESFORO DE ARANZADI — *El triangulo facial de los crânios vascos* — "Memorias de la R. Soc. Españ. d'Hist. Natural.", Memoria 8.ª, t. x, Madrid, 1917, p. 366.

(2) *Ibid.*, p. 381.

convexo (*Est. I*, fig. 2 e *Est. II*, fig. 8). As arcadas supraciliares são, em geral, pouco nítidas ou de todo apagadas. Só excepcionalmente são acentuadas (*Est. II*, fig. 8).

Do exposto, concluiremos que o tipo craniano médio dos braquioides portugueses é: *sub-braquicéfalo; de capacidade regular; ortocéfalo, tendendo à hipsicefalia; mesoconco; de face mesosema (índ. de BROCA) ou leptoprósopa (índ. de KOLLMANN); francamente leptorrínico; ortognata ou levemente mesognata; de frente vertical ou pouco inclinada, menos ampla do que a do português actual; de occiput convexo, menos vezes vertical; de aspecto geral mais ou menos globuloso.*

A análise, porém, dos caracteres dos vários exemplares mostra bem que não se trata duma forma real, pura, o que não é de admirar, sabendo-se que êstes 29 braquioides foram isolados num vasto oceano de centenas de dolicoides. Assim, possuirão intensas impregnações dos elementos dominantes do país, que terão desvirtuado as formas primitivas, e é possível que alguns representem meras flutuações ou variações individuais dos tipos não braquioides.

Ser-nos-há lícito tirar conclusões da constatação da maior abundância de braquioides hipsicéfalos na Extremadura e Entre Douro e Minho do que nas duas províncias meridionais?

Poderemos também estabelecer, sôbre os elementos colhidos, um tipo hipsicéfalo e outro platicéfalo, diferindo o primeiro do segundo na maior estreiteza da frente, num índice orbitário um pouco maior (no segundo é cameconco, quasi no limite da mesoconquia), no maior alongamento da face, na maior leptorrinia, etc.?

Será permitido destacar dêsses dois um tipo ortocéfalo, intermédio entre êles nalguns caracteres, mas distinto noutros, como no índice orbitário e no facial?

Não crêmos que sôbre os dados obtidos seja scientificamente seguro ir muito além dum simples registo das diversidades notadas, de crânio para crânio, de grupo para grupo, quiçá de região para região. Mas na interpretação dos resultados, o campo das hipóteses está inegavelmente aberto.

*

A sistematização dos dados relativos à braquicefalia europeia nos tempos preistóricos, protoistóricos e históricos não foi ainda feita dum modo completo. Mas algumas sínteses tem sido propostas e divulgadas.

HERVÉ dá-nos o elemento braquicéfalo como penetrando em França no período da pedra polida, dum lado por nordeste (Ardenas), do outro pelo sudeste (Alpes). Misturando-se com os indígenas, a corrente de noroeste sobretudo, origina os tipos de Furfooz, ou a braquicefalia menos pura, menos decidida, de fronte estreita e fugidía, desenvolvimento transversal posterior, que se nota nos crânios n.º 11 de Orrouy e no n.º 10 de Nanteuil-Vichel. Só excepcionalmente, como em Nogent les Vierges (Oise), o tipo puro aparece na Galia septentrional. Na região alpina, como também no plató central, a mistura é mais rara; a braquicefalia é mais franca, mais globulosa, mais harmónica, como no especimen n.º 1 da série dos dolmens da Lozère. A êsse elemento imigrante que penetrou em França attribue o autor uma origem asiática, uralo-altaica. A seguir aos que o autor chama os *protobraquicéfalos* neolíticos, a Suíça assiste à entrada em scena, na idade do bronze, dum tipo braquicéfalo de forma mais decidida, embora podendo considerar-se da mesma origem étnica. Sobre elementos bastante restritos, HERVÉ generalizou tal penetração à França, considerando êsse tipo braquicéfalo o fundo da população francesa de hoje e identificando-o com os reto-lígures. Emfim o tipo que sobrevivem e designa por *celta*, define-o como uma raça mixta fixada, o lígure modificado: menor braquicefalia, face mais alta, estatura um pouco mais elevada (¹).

Não concorda VERNEAU com a ausência de braquicéfalos no Meio Dia da França no neolítico, nem com a classificação de mestiço dada ao tipo de Furfooz. Os crânios braquicéfalos

(¹) G. HERVÉ — *Ethnogénie des populations françaises*. "Rev. de l'École d'Anthrop.", Paris, 1896, ano VI, pp. 100 e segs.

neolíticos da gruta de Bas-Moulins (Monte-Carlo), muito semelhantes aos de Furfooz, são duma homogeneidade que atesta a sua pureza antropológica, e ao mesmo tempo provam a existência duma braquicefalia meridional em França durante a pedra polida (¹).

Referindo-se à sucessão dos tipos humanos nas palafitas, EUGÈNE PITTARD diz que a síntese de HERVÉ a tal respeito lhe parece ainda hoje exacta. Assim, as primeiras habitações lacustres teriam sido talvez construídas por braquicéfalos (protobraquicéfalos de HERVÉ, tipo de Grenelle, etc.). A meio do neolítico os doliocéfalos e mesaticéfalos (dolicocéfalos neolíticos de HAMY, tipo de Genay, etc.) já estarão em companhia dos braquicéfalos, formando a maioria e submergindo-os mesmo completamente no fim do neolítico e princípio da idade do bronze. Mas, no fim desta, reaparecem — PITTARD acompanha êste “reaparecem,” dum ponto de interrogação — os braquicéfalos, e agora duma braquicefalia mais acentuada do que a dos seus predecessores. O antropólogo suíço assevera, porém, que os documentos sôbre que estas hipóteses assentam, não são tão numerosos, como seria para desejar (²).

LAPOUGE — que não acompanhamos em muitas das suas fáceis e tão debatidas hipóteses antropológicas, e que, sendo um poderoso espírito de síntese, peca, porém, por uma extremada audácia — refere os crânios de La Truchère e de Estagel (Pireneus Orientais), como prováveis documentos da existência de braquicéfalos paleolíticos em França. No neolítico constata neste país um fóco de braquicefalia na Provença e outro nos Pireneus Orientais, considerando êsses braquicéfalos, descendentes da sua vaga “raça de Estagel.” O tipo de Grenelle (Hélie), na bacia do Sena, é, para êle, uma variante da mesma suposta raça. O tipo de Furfooz, menos localizado,

(¹) R. VERNEAU e L. DE VILLENEUVE — *La grotte de Bas-Moulins*. “L’Anthropologie”, T. XII, 1901, pp. 24 e segs.

(²) E. PITTARD — *Anthropologie de la Suisse* — “Archives suisses d’Anthr. Générale”. T. I, Genève, 1914-1915, p. 166. Id. — *Sur l’ethnologie des populations suisses* — “L’Anthr.”, t. IX, 1898, p. 651 e segs.



parece-lhe mestiço. Os braquicéfalos neolíticos afiguram-se-lhe um pouco diferentes do *Homo alpinus* actual, apresentando maior afinidade com o seu *acrogonus*. Na transição da pedra para os metais, aparece a "raça de Borreby", de alta estatura, face grande, fronte fugidia e crânio um pouco braquicéfalo, atribuída a um cruzamento de *H. dinaricus* e *H. europaeus*, rara em França e predominante em Inglaterra. Surge também o *Homo contractus*, de pequena estatura, face reduzida, curta e enterada sob o crânio cerebral, dupla flexão dêste nas bossas frontais e parietais, occipital enrolado, órbitas arredondadas, índice cefálico de 79 ou 80. Atribue LAPOUGE a origem dêste seu *H. contractus* a uma transformação do *H. mediterraneus* ou do *H. spelaeus* (de Cro-Magnon) pelo raquitismo.

Chegando aos tempos históricos, o dolicoloiro *H. europaeus* faz grandes emigrações em França. Abrigando-se nas florestas, os braquicéfalos constituem os núcleos que, pela sua pululação, em tempos não muito remotos, viriam a constituir a maior parte da população francesa actual. O autor considera o braquicéfalo francês de hoje, sobretudo do tipo *H. alpinus*, talvez híbrido de *H. contractus* e de *acrogonus*, parecendo, porém, que êste último nas regiões de alta braquicefalia resurge em massas. Concluindo êste capítulo, assevera que um pouco de sangue de amarelos faria da França um país de verdadeiros mongoes! (1) Êste exagero mostra bem que LAPOUGE navega nas águas dos que veem mongoloides em todos os braquicéfalos, dando ao índice cefálico um valôr taxonómico preponderante e quási exclusivo. A mesma tendência apresenta OSBORN mas tal identificação perde terreno para HADDON, MADISON GRANT, GIUFFRIDA-RUGGERI (2), etc., embora em geral se creia que os braquicéfalos europeus do tipo alpino são originários da Ásia central.

PEAKE, não sustentando a tese da origem mongoloide dos braquicéfalos europeus, considera a raça alpina como tendo

(1) LAPOUGE — *Race et milieu social*, op. cit., pp. 43 e segs.

(2) GIUFFRIDA-RUGGERI — *Antropologia e arqueologia*, etc., op. cit., p. 18, nota 2.

vindo da Ásia Menor em três ondas sucessivas: a 1.^a deixaria traços da sua chegada em Grenelle e nos Ardenas; a 2.^a, da verdadeira raça *alpina*, ocuparia os planaltos da Europa central e ocidental; enfim, a 3.^a, seria constituída antes pela raça *dinárca*, alta, hipsibraquicéfala, muito semelhante ao tipo arménico ou anatólico (1).

Também GIUFFRIDA-RUGGERI, contestando as pretensas afinidades mongoloides dos alpinos, diz que “segundo-se à mais antiga corrente étnica passada pelo istmo do Suez e que forneceu a chamada estirpe mediterrânea quer à África setentrional quer à Europa meridional e ocidental, durante o neolítico e os primeiros períodos dos metaes se verificaram dois outros movimentos étnicos directos de este para oeste, um marítimo, outro terrestre. O primeiro tem como campo, mais vezes percorrido, o Mediterrâneo, e como expoente uma pequena percentagem de braquicéfalos, que se pôde seguir da Ásia menor à Grécia, Creta, Apúlia, Sicília, Sardenha, Espanha sud-ocidental, mesmo ao Atlântico (estações marítimas portuguesas)”. O outro movimento de populações far-se-ia através das regiões frias do norte da Ásia e da Europa, sendo constituída pelos loiros dolicocefalos que teriam no Báltico a sua área de intensificação (2).

Eis, por outro lado, o que o autor italiano afirma sobre o tipo físico dos braquicéfalos que apareceram na Europa. Admitindo que os braquicéfalos tenham sido um produto dum desenvolvimento colateral ulterior à época madalenense (3),

(1) *Ibid.*, p. 17. Por outro lado, KEITH (*The bronze age invaders of Britain* — “Journ. of the Anthr. Institute”, vol. XLV, 1915), estudando a origem dos braquicéfalos que na idade do bronze invadiram a Grã-Bretanha e que eram robustos, altos, leptoprósopos, de nariz saliente e arcadas supra-ciliares proeminentes, diz que ela deve procurar-se na região montanhosa do centro da Europa e não na Ásia. Combate, pois, a hipótese da origem asiática dessas populações, quando, na verdade, nenhuma descoberta arqueológica relativa a um período anterior ao aziliense, autorisa a considerar os braquicéfalos europeus como autoctones.

(2) GIUFFRIDA-RUGGERI — *Op. cit.*, p. 26.

(3) A pretendida irredutibilidade da braquicefalia e da dolicocefalia é que, na opinião de RUGGERI, gera a insistência na origem mongoloide de

duma invasão preistórica, ou duma e doutra coisa, considera os braquiplaticéfalos como os mais antigos na Europa e os braquihispicéfalos como os recémvindos. Afirma, porém, que os braquioides chegaram à Europa Central ainda não bem diferenciados, e mesclados com doliocéfalos, como em Ofnet. Depois é que se deram intensificações em áreas separadas, que originaram tipos locais. E assim, considerando o tipo que chama *H. indo-europaeus brachimorphus*, uma variedade ou sub-espécie *politópica*, dá como sua variedade local característica o *alpinus*, estabelecendo no grupo ainda uma outra formação local independente *H. indo-eur. brachim.*, var. *dinaricus* ⁽¹⁾:

H. indo-europaeus brachimorphus (sive *alpinus*)
 " " " " " var. *dinaricus*

Nos seus trabalhos anteriores sôbre a classificação das raças humanas, o antropólogo italiano não adotava ainda para as espécies elementares e variedades do seu schema uma *forma típica*, e subdividia assim a sua var. *H. s. indo-europaeus brachimorphus* ⁽²⁾:

H. s. i. e. brachimorphus alpinus, subv.
 " " " " " *armenicus*, subv.
 " " " " " *pamiriensis*, subv.

Não sabemos se agora identifica o *H. i-e. br. armenicus* com o *H. i-e. br. dinaricus*, e se entendeu dever suprimir da classificação a subv. *pamiriensis*, mas o que registamos com satisfação é o facto de passar a adotar formas típicas para cada espécie ou variedade. Foi o que fizemos já para as sub-es-

todos os braquicéfalos europeus (*La successione e la provenienza delle razze europee preneolitiche e i pretesi Cro-Magnon delle Canarie* — "Riv. Ital. di Paleontol.", — Parma, 1916, p. 9 do extr.).

(¹) GIUFFRIDA-RUGGERI — *Antropologia e arqueologia*, etc. Op. cit., pp. 23, 30 e 31 (nota). Cf. ainda: Id. *Quattro crani preistorici*, etc. Op. cit., pp. 15 e 16, e *La successione e la provenienza*, etc. Op. cit., p. 8.

(²) *L'uomo come specie collettiva* — Napoli, 1912, p. 26. V. outros trabalhos do mesmo autor.

pécies do nosso ensaio de classificação antropológica, escolhendo assim, por exemplo, a raça nórdica como o tipo do *H. europaeus*, o negro sudanense como o tipo do *H. afer*, etc. (1) Este critério parece-nos mais em concordância com o de taxonomia botânica e zoológica.

TOPINARD dividia os braquicéfalos europeus (todos leptorínicos, segundo a sua classificação) em dois grupos: um moreno, de baixa estatura, constituído pelos lapões e lígures, outro, castanho, de estatura média, formado pela raça *célto-slava* de BROCA (2). Não nos deteremos na análise desta classificação, que confunde lapões e lígures, distintos para todos os autores modernos, e aceita ainda a doutrina céltica de BROCA.

GIUSEPPE SERGI reúne numa só "espécie", *H. eurasicus*, os braquioides *arianos* da Ásia central (Galtchas, Tadgiks, etc.), e os braquicéfalos da Europa ocidental, central e septentrional (3).

Por outro lado, dando a maior importância ao contorno geral do crânio, descreve como *mediterrâneas*, as formas elipsoides, ovoides, pentagonoides e beloïdes, ao passo que as esfenoïdes, esferoides, etc. são, para êle, em geral de origem asiática, *árias*, *armenoides*, *eurásicos* (4).

A seu turno, DENIKER estabelece na Europa duas raças braquicéfalas morenas (a *ocidental* ou *cevénola* e a *adriática* ou *dinárica*), e uma loira (*oriental*), além da raça secundária *sub-adriática*, que é mais clara do que a adriática e corres-

(1) *Ensaio duma classificação natural dos hominídios actuaes* — "Anaes da Acad. Politecn. do Porto", — t. x, 1915, pp. 4 e 7 do extr. Um sistema nomenclatural análogo ao nosso foi já em 1911 adotado por L. WILSER (*Die naturwissenschaftliche Bezeichnung der Menschenarten* — "Congr. Natural. e Médicos Alemães de Carlsruhe", 1911), embora com outra repartição e hierarquia dos agrupamentos taxonómicos. No género *Homo* L., há segundo WILSER, três espécies, as três grandes raças *H. europaeus*, *H. niger* sive *afer* e *H. brachycephalus* sive *asiaticus*. Entre as *sub-espécies*, há o *H. europaeus* var. *mediterraneus*, o *H. brachycephalus* var. *alpinus*, o *H. brachycephalus* var. *americanus*, etc.

(2) TOPINARD — *Éléments d'Anthropologie Générale* — Op. cit., p. 502.

(3) F. FRASSETTO — *Lezioni di Antropologia* — Roma, 1909, vol. I, pp. 312 e 313.

(4) G. SERGI — *África*, Torino, 1897; *Arii e Italici*, Torino, 1898, etc.

ponde talvez à raça lorena de COLLIGNON (1). É claro que DENIKER admite uma raça *assiroide* ou *arménica*, que, sendo característica de certas populações persas, arménicas, etc., se encontra também nalguns judeus da Europa.

Mais simplista, RIPPLEY combate a extrema divisão de tipos do sábio francês, pretendendo que só há essencialmente 3 grandes raças europeias, a mediterrânea, a nordica e a alpina, englobando esta última os braquicéfalos, e constituindo as outras raças ou sub-raças da classificação de DENIKER meras variantes locais, explicáveis freqüentemente pelo cruzamento das 3 grandes raças ou por influência do meio. O antropólogo americano diz que DENIKER enumerou as "variedades existentes", e não as "raças", cujas combinações originaram essas variedades (2).

A nosso vêr, se é verdade que o tipo de raça é até certo ponto uma criação subjectiva, correspondendo à média das variantes mais ou menos afastadas sob que um determinado tronco humano se nos apresenta, é preciso não cristalisarmos num conceito excessivamente simplista, como é o de RIPPLEY. A raça por certo tem a sua origem em diferentes condições mesológicas, em variados cruzamentos, etc. A humanidade quasi só contém mestiços, se aceitarmos a velha noção de raça. Mas desde que uma mestiçagem ou uma alteração de origem mesológica *se fixe* por hereditariedade, há o direito de proclamar a existência duma nova raça, se a caracterização do novo tipo é bastante para a definir. Foi porisso que no nosso ensaio de classificação, invertendo a hierarquia das noções de variedade e de raça, adotadas geralmente na botânica, estabelecemos grandes variedades, que até certo ponto corresponderam a grupos de raças propriamente ditas ou talvez às raças de RIPPLEY, e, dentro delas,—que admitiam naturalmente flutuações extensas, formas imperfeitas, tipos mal definidos como as variedades zoológicas,—introduzimos as raças pro-

(1) DENIKER—*Les races et les peuples de la terre*—Paris, 1900, pp. 339, 340, 389 e segs.

(2) RIPPLEY—*The races of Europe*, London, 1900, p. 597 e segs.

priamente ditas. O *H. afer indo-africanus* da nossa classificação é sem dúvida uma variedade muito ampla, abrangendo etíopes, drávidas e vedas. Nem porisso deixámos de reconhecer uma *raça etiópica*, uma ou mais raças *dravídicas*, uma *raça vedaica*, enfim formas intermédias, mixtas. A raça é assim, para nós, o último limite a que a análise antropológica pode rasoavelmente levar a destrinça dos tipos humanos, e tanto consideramos raças as formas puras, primitivas, cujas origens se somem na noite dos tempos, como aquelas cuja génese nos não é desconhecida. Entre estas, há-as, talvez, que nasceram de cruzamentos, e se fixaram, por exemplo, graças ao isolamento geográfico. Desde que hoje nos surgem como tipos hereditários, não há o direito de lhes contestarmos fóros de raça, por melhor que conheçamos o seu primordial hibridismo.

Vê-se, porém, pelo que expuzemos, que são obscuras as relações genealógicas dos braquicéfalos europeus, de outrora e contemporâneos. Perante a diversidade de caracteres dos braquicéfalos primitivos, GIUFFRIDA-RUGGERI deu-os como tendo chegado à Europa, ainda “indiferenciados,„. Quer, todavia, admitamos à sua origem dolicocéfala, europeia, quer a sua proveniência de centros braquioides asiáticos (não mongoloides), quer uma e outra coisa, essa “indiferenciação,„ será apenas o termo que traduz a diversidade de influências recebidas, quiçá a pluralidade de origens. Os restos de Mugem são elucidativos: em 3 braquioides, há pelo menos 2 tipos bem diferentes. É preciso recordar que êles estavam em minoria, e que—na expressão feliz de HERVÉ— foram coados por filtros dolicocéfalos. Vamos aos restos de Grenelle e temos idêntica heterogeneidade (1). O crânio de La Truchère é, além de, como os de Grenelle, cronologicamente mal definido, um crânio patológico. O tipo neolítico (2) de Furfooz é por uns considerado mestiço,

(1) Grande importância foi primitivamente dada aos esqueletos de Grenelle, pela cronologia infundada que se lhes atribuiu. Hoje são considerados pre-romanos ou *quando muito*, da época robenhausiana. (G. E. A. DE MORTILLET — *La Préhistorique* — 3.^{ème} édit., Paris, 1900, pp. 279 e segs.)

(2) G. E. A. DE MORTILLET — Op. cit., pag. 315.

por outros puro. Os restos de Ofnet acusam a heterogeneidade de Múgem. Nos exemplares das necrópoles dolménicas, etc. temos a mesma falta de unidade morfológica. Dizer “raça braquicéfala neolítica,” é dizer uma coisa sem significado.

É claro que o número restrito de exemplares primitivos que podem ser e tem sido perfeitamente estudados, não autorisa também a estabelecer definitivamente as raças braquicéfalas primitivas. Em presença, por exemplo, dum só exemplar com dados caracteres é muito hipotético crê-lo tipo dum raça distinta. Mas, tanto quanto o permitem os limitados elementos de que temos conhecimento, indicaremos — sujeitando tudo a revisões, e excluindo os alófilos actuais, finezes e lapões — os tipos que nos parecem deprender-se de tais dados, designando os primitivos pela palavra *formas* e não pela de *raças*, já na previsão de ultteriores modificações.

Os braquicéfalos pre e protoistóricos apresentam as seguintes formas mais definidas:

a) Aquela a que corresponde a designação de *Acrogonus*, de LAPOUGE. Não adotamos esta designação, porque referindo-se a um pretendido *gênero* poderia trazer confusões, quando é certo que de modo algum nos julgamos autorizados a admitir um tal *gênero*. Preferimos porisso designar esta forma por *protobraquimorfa*. Caracteriza-se por: extrema braquicefalia, estreitamento frontal, alargamento da região posterior do crânio, queda vertical do perfil infra-obélico, norma superior trapezoide, fronte por vezes vertical, perfil cuboide. Encontramo-la típica ou atenuada no crânio braquicéfalo feminino de Múgem, no de Liceia, num feminino lacustre de Concise (¹), num exemplar ♂ do dolmen de Meudon (²), talvez no crânio ♂ de Carvalhal, etc.

b) Uma forma reductível talvez à anterior, e muito frequente. Chamar-lhe-emos *protosfenoide*, embora na designação de “esfenoides,” caibam os trapezoides, como os protobra-

(¹) Descrito por VERNEAU — *Un nouveau crâne humain d'une cité lacustre*. “L'Anthr.,” t. v, 1894.

(²) *Crania Ethnica* — Texte, p. 135.

quimorfos. Caracterisa-a a norma superior esfenoide, tendendo por vezes a oval ou pentagonoide; o lado posterior do trapézio do *protobraquimorfo* transformou-se numa curva mais convexa ou em ângulo um pouco saliente. De perfil o occiput já não desenha bem, de cima abaixo, uma recta vertical; apresenta menor achatamento, ou uma convexidade, embora pequena, ou ainda a um achatamento infra-obélico segue-se em baixo um pequeno *renflement* da escama occipital. De resto mantem-se a braquicefalia, o estreitamento frontal, o alargamento posterior, comquanto tudo geralmente mais moderado. As curvas são mais suaves, conservando, porêem, o perfil uma forte inflexão obélica. Representarão esta forma o crânio braquicéfalo masculino de Mugem, o braquicéfalo masculino do dolmen de Mureaux ⁽¹⁾, o tipo médio de Grenelle, talvez alguns especimens de Ofnet, Orrouy (o n.º 1, por exemplo), Boulogne sur Mer, *rounds-barrows* da idade do bronze de Gristhorpe, etc. Os de Grenelle autorizam a supôr que êste tipo seria mesorrínico e cameconco.

c) Uma terceira, a *neobraquimorfa*, afasta-se mais da protobraquimorfa do que a anterior; não tem já o contorno esfenoide, mas oval ou globuloso, e a abóbada convexa, sem o forte achatamento occipital e o alargamento tão posterior; por vezes até apresenta o *chignon* occipital. Marca a transição para as formas ovoides e globulosas actuais. Especimens mais ou menos homogêneos: dos *rounds-barrows* da idade do bronze de Stonehenge ⁽²⁾, do dolmen de Marly-le-Roy ⁽³⁾, etc. Um crânio eneolítico sardo da gruta de San Bartolomeo é descrito, por ARDU-ONNIS ⁽⁴⁾, de aspecto cúbico, mas a figura não mostra o paralelismo da fronte e do occiput. É um exemplar ovoide curto, de fronte larga, curva occipital perfeita; de perfil, apresenta a

(1) VERNEAU — *L'Allée couverte des Mureaux* — "L'Anthr.", T. I, 1890.

(2) *Crania Ethnica*, op. cit., p. 101.

(3) *Ibid.*, p. 145.

(4) ARDU-ONNIS — *Restes humains préhistoriques de la grotte de San Bartolomeo, près Cagliari*. — "L'Anthropologie", 1904, t. xv, pp. 316 e segs.

fronte vertical, a abóbada convexa, e o occiput, na figura, parece um pouco convexo (¹). Há ligeiro prognatismo alveolar, ind. orbitário 76,6, facial superior 60,7, nasal 51. O desenvolvimento frontal (I. estefânico 82,2; frontal mínimo 70,3), o contorno horizontal e o perfil indicam tratar-se talvez do *neobraquimorfo*. O n.º 6 de Grenelle parece que deveria talvez incluir-se neste grupo, ou no seguinte.

d) Êste, que chamaremos *ortobraquimorfo* e cujo tipo é o crânio neolítico de Point (Lago de Neuchatel), de perfil em curva regular, leve convexidade occipital, fronte mais larga do que nas duas primeiras formas, face cameprósopa e ortognata, fronte pouco inclinada, nítida braquicefalia, órbitas altas, mesorrinia (²), será o mais susceptível de aproximações com formas mongoloides. O crânio preistórico de Vitagliano (³) e o de Mugem, que PAULA E OLIVEIRA considerou talvez *mongoloide*, aproximam-se por alguns caracteres (ind. nasal, facial (?) orbitário, etc.) mas afastam-se por outros (o primeiro pela norma lateral quási cuboide, o segundo pelo prognatismo, por exemplo). Será o crânio de Mugem um mestiço do tipo *ortobraquimorfo* e do *Homo taganus*, dolicocefalo, de fronte oblíqua e prognata? É possível. O de Vitagliano tem caracteres muito mixtos.

O crânio neolítico lacustre de La Lance, descrito por PITTARD, num artigo, já citado, dos "Archives Suisses d'Anthropologie Générale", é sub-braquicefalo e tem uma curva ântero-posterior harmoniosa, com o occiput convexo. Está muito incompleto, porê, e tem, ao contrário do tipo palafítico, um fraco índice estefânico, 77,3. Um de Judge Cave é considerado muito semelhante ao n.º 1 de Mugem. Um crânio da idade do

(¹) Convem notar que por "convexidade occipital," nos braquioides não entendemos naturalmente uma forte protuberância occipital como a dos dolicoideis occipitalizados, mas apenas um occiput em curva mais ou menos regular, não em recta vertical, muito achatado.

(²) Cf. números e estampas de E. PITTARD — *Sur de nouveaux crânes provenant de diverses stations lacustres de l'époque néolithique et de l'âge du bronze en Suisse* — "L'Anthr.", — x — 1899.

(³) GIUFFRIDA-RUGGERI — *Quattro crani preistorici*, etc. Op. cit., pp. 294 e segs.

bronze de Baza (Granada) é, segundo SIRET (1), além de braquicéfalo, de protuberâncias frontais acusadas, órbitas altas, rosto elevado, prognata. Mais tarde, na época gaulêsa, aparecem braquioides de índices nasal e orbitário altos, e também prognatas (Vendues de Montmorot) (2).

e) Para a *sub-braquimorfa* de Furfooz, o exemplar tipo é o n.º 2 dessa estação: Norma superior oval, sub-braquicefalia, occiput convexo, prognatismo, face um pouco reduzida em relação ao crânio, mesoplatirrinia, órbitas em geral baixas. Avisinham-se deste tipo os de Hastières (3), de Solutré, etc. Os neolíticos de Bas-Moulins (Monte Carlo), considerados por VERNEAU muito semelhantes aos de Furfooz e Orrouy, e dum tipo puro, (4) deverão talvez constituir um tipo intermédio, porque, se na norma superior se avisinham do tipo de Furfooz, no perfil lateral recordam pela brusca inflexão obélica, e pela quási verticalidade occipital, os protosfenoides e protobraquimorfos.

Longe de nós pretender considerar todos êstes tipos como definitivamente estabelecidos. Abundam, de resto, as formas intermédias e mixtas.

É crível que das 5 formas mais nítidas que dum modo sumário apresentámos, algumas se reduzam a outras ou sejam devidas a cruzamentos e influências, a que nem talvez os dolicocefalos sejam extranhos. É crível mesmo que em logares distantes essas formas tenham surgido, por isomorfismo politópico, dum semelhante condicionalismo. Mas a *protobraquimorfa* e nos exemplares mais globulosos, a *neobraquimorfa* devem, a nosso vêr, ser as mais puras, o que não obsta a que a *protosfenoide* e as outras se tenham também fixado numa homogeneidade que

(1) SIRET — *Las primeras edades del metal en el sudeste de España*, Barcelona, 1890, p. 444.

(2) HAMY (E. T.) — *Les premiers Gaulois* — "L'Anthropologie", 1906, t. XVII, p. 21.

(3) HOUZÉ — *Les crânes néolithiques des cavernes d'Hastières* — "Bull. Soc. Anthr.", — Bruxelles, t. VIII, 1890.

(4) VERNEAU e VILLENEUVE — *La grotte de Bas-Moulins*, op. e p. cit.

se reconhece em vários crânios de Grenelle e VERNEAU igualmente reconheceu nos intermédios de Bas Moulins.

O tipo braquicéfalo primitivo dominante é o protosfenoide; o protobraquimorfo tem um caracter mais arcaico, e o neobraquimorfo representa as formas decididas, francas, que no neolítico se representaram fracamente, sobrevindo mais intensamente na idade do bronze.

Um facto curioso a assinalar é que, contra a suposição corrente, a braqui-hipsicefalia parece anteceder na Európa a braqui-platicefalia. Os braqui-hipsicéfalos teriam sido os primeiros chegados, a ajuizarmos pelos poucos índices da altura conhecidos e pelas impressões que nos dão os exames dos crânios. O crânio n.º 2 de Furfooz tem um índice vértico-longo de 78 e um vértico transverso de 96. Os de Bas Moulins tem os índices médios de 75,5 e 97,9. O de La Truchère, patológico, iria mesmo até 80,54 para o índice vértico-longo. O do dolmen de Maubert tem o índ. de 77,1 ⁽¹⁾. O crânio n.º 3 de Grenelle, o d'Ofnet representado por OBERMAIER ⁽²⁾, o lacustre ♀ de Concise, o lacustre de Point, o de Meudon, os de Mugem, etc. dão a impressão da hipsicefalia. O *protobraquimorfo*, o *Acrogonus* de LAPOUGE, é por êste definido como hipsicéfalo ⁽³⁾. O da Cueva del Milagro (Oviedo), suposto neolítico, tem os índices verticais de 75,7 e 93,8 ⁽⁴⁾. O francês de Banges, também suposto neolítico, e avisinhado por HAMY do tipo neolítico de Choisy-le-Roi, Pierre qui Tourne e Fontvieille les Arles, é, além de quási cuboide e cameprósopo, bastante alto ⁽⁵⁾. O de Grande Forêt, já da época gaulêsa do Chatillonnais e portanto não devendo já caber nesta lista, tem todavia ainda os índices verticaes de 77,7 e 93,7 ⁽⁶⁾.

⁽¹⁾ GABRIEL CARRIÈRE — *Paléthnologie des Cevennes* — "L'Anthr.," IX, 1898.

⁽²⁾ Op. cit. — Lam. XVIII.

⁽³⁾ CH. DE UJFALVY — *Les aryens*, etc., op. cit. — p. 49, nota 1.

⁽⁴⁾ SIRET — *Las primeras edades del metal en el sudeste de España*, Op. e p. cit.

⁽⁵⁾ HAMY (E. T.) — *Les premiers Gaulois*, op. cit., p. 19.

⁽⁶⁾ *Ibid.*, p. 26.

Poucos são os braquioides primitivos que, como o do dolmen de Mureaux, dão a impressão da platicefalia. Já na época gaulêsa são mais freqüentes (Vendues de Montmorot, etc.)

Tambêm é a cameconquia que domina; só o tipo *ortobraquimorfo* se destaca pela sua megasemia. O crânio de Point tem o índ. orbitário de 90,7. Dêle aproximamos porisso o nosso sub-braquicéfalo de Muges, o de Vitagliano, um braquicéfalo da idade do bronze de Baza (Granada), alguns já da época gaulêsa...

Mais variáveis são as fórmulas faciais. O tipo mais puro seria provavelmente harmônico, e portanto cameprósopo. Assim, são cameprósopos o de Furfooz, o sub-braquicéfalo de Muges, o do dolmen de Mureaux, o lacustre de Point, alguns de Grenelle (como o n.º 6), etc. Pelo contrário, são leptoprósopos, embora alguns com grande largura facial, o n.º 3 de Grenelle, o de La Truchère, o tipo dos invasores da Grã-Bretanha na idade do bronze (¹). Aparecem, porêm, em menor número talvez.

Quanto ao índice nasal, prevalece a mesorrinia, mas a leptorrinia surge já em alguns exemplares como no do dolmen de Maubert (índ. 43,4), no n.º 3 de Grenelle (47,3), etc. KEITH descreve como de nariz saliente o tipo dos *round-barrows* da idade do bronze.

A hipsibraquicefalia primitiva e o predomínio do contorno esfenoide (²) faz pensar em que o filum principal dessas formas fôsse afim do dos armênicos ou anatólicos, e portanto originário da Ásia menor e do Cáucaso, o que estaria em concordância com o que escrevemos sôbre o roteiro dos braquicéfalos primitivos.

Um crânio braquioide de Damasco, descrito por DUCKWORTH, tem o achatamento da região parieto-occipital, alto índice vér-

(¹) A. KEITH—*The bronze age invaders of Britain*, op. cit.

(²) G. SERGI—*Crani preistorici della Sicilia*— "Atti della Soc. Rom. di Antrop.", — Vol. VI—Roma, 1899, p. 9. V. LUSCHAN aponta nos *armenoides* o tipo cuneiforme.

tico-longo (84,4), é cameconco (79,1), quási ortognata (98,1), leptorrínico (43,8) e de grande capacidade (1650^{cc.}) (1). Não estará no grupo afim do que forneceu talvez os primeiros braquicéfalos europeus? É de crêr que sim.

Os tipos globuloso e esfenoide encontram-se ainda hoje na Europa Central e meridional. O esferoide em geral é cameconco, meso ou ortognata, ortocéfalo, moderadamente leptoprósopo, leptorrínico, de grande capacidade no sexo masculino. A raridade de esfenoídes entre os crânios sículos e romanos primitivos, corresponde, porém, uma sua relativa freqüência nos romanos dos dois primeiros séculos do Império, estudados por SERGI (2).

Deixando as antigas populações da Europa e passando às actuais, admitiremos nestas as variedades *H. alpinus*, platibraquicéfala, e *H. dinaricus*, hipsibraquicéfala, reconhecendo a possibilidade de dentro delas se estabelecerem raças ou variantes, com uma morfologia craneana definida pelo critério já exposto. A norma superior e a norma lateral darão ovóides largos, euripentagonóides, esfenoídes, trapezóides ou esferoídes, ortognatas ou prognatas, frentes verticais ou inclinadas, occiputs proeminentes ou verticais, etc. Os caracteres métricos distinguirão as formas da face, das órbitas, da abertura nasal, etc. Algumas dessas formas serão talvez revivescências das primitivas, outras constituirão novas modalidades raciais. Sem pretender levar à maior minúcia descritiva e ao excesso de combinações a caracterisação de algumas destas modalidades, tomaremos neste estudo como tipo alpino propriamente dito o tipo médio do Valais, estudado por PITTARD (3), especialmente o de S.^t Martin (4): é braquicéfalo moderado, ortocéfalo (pelo

(1) DUCKWORTH — *Note on a skull from Syria* — "Journ. of the Anthr. Inst. of Great Britain and Ireland," — 1899.

(2) L. MOSCHEN — *Crani moderni di Bologna* — "Atti della Soc. Rom. di Anthrop.," — Vol. VI, Roma, 1899, p. 55.

(3) E. PITTARD — *Anthropologie de la Suisse. Crania helvetica: Les crânes valaisans de la vallée du Rhône* — Genève, Paris, 1909-1910.

(4) Id. — *Anthropologie de la Suisse* — "Archives suisses d'Anthrop. Générale," — T. II, 1916-1917, Genève, pp. 3 e segs.

índice vértico-longo) ou platicéfalo (pelo vértico-transverso e pela relação vértico-modular), mesorrínico, de fronte regularmente desenvolvida, de buraco occipital mesosema, de leptoprosopia moderada, de mesoconquia tendendo à hipsiconquia, de ortognatismo próximo do mesognatismo ou dum mesognatismo ligeiro, emfim de capacidade regular.

	Crânios ♂ de St. Martin
Índ. cefálico	83,3
„ vert. longo	73,8
„ vert. transv.	87,6
„ frontal min.	67,6
„ estefânico	80,8
„ bur. occipital	84,1
„ facial superior	51,2
„ orbitário	87,9
„ nasal	50,3
„ alveolar	97,6
Rel. vértico-modular	86,2
Curva frontal total	129 ^{mm} ,2
„ parietal	122,9
„ occipital	118,1
Capacidade	1538 ^{cc}
Angulo facial (RIVET)	71°40'
„ intrafacial	66°54'

Variantes mais ou menos próximas dêste tipo de raça se encontram na Europa central e meridional. As médias de FRIZZI e de ARANZADI ⁽¹⁾, que em seguida damos, relativas a saboianos, auvergneses, galo-bretões, baixo-bretões e vascos de S. João de Luz ⁽²⁾, não se identificam em absoluto com as do tipo alpino propriamente dito, acusando, por exemplo, todos êsses grupos uma leptorrinia, que se não conforma com a franca

⁽¹⁾ ARANZADI — *Cráneos de Guipúzcoa* — “Congresso de Madrid da Assoc. Españ. para el Progr. de las Cienc.” — Madrid, 1913. — Também Id. — *El triángulo facial de los cráneos vascos* — Op. cit., pp. 380 e segs.

⁽²⁾ ARANZADI aproxima o vásco do *palafítico* de SCHLIZ, que êste considera derivado do braquicéfalo de Grenelle e do dolicocefalo alpino (*Cráneos de Guipúzcoa*, op. cit. p. 52 do extr.).

mesorrinia alpina, por vezes uma platicefalia mais acentuada (especialmente os galo-bretões), etc.

	Saboianos	Auvergneses	Galo-bretões	Baixo-bretões	S. João de Luz
Índ. cefálico	87,0	84,7	81,8	81,2	80,6
„ vert. longo. . . .	76,0	74,0	70,3	71,3	70,0
„ vert. transv. . . .	87,4	87,4	83,7	88,1	89,2
Rel. vert. mod. . . .	86,9	85,5	83,6	85,9	85,6
Módulo de SCHMIDT . .	150	150	147	149	148
Índ. estefânico	77,6	79,0	76,8	77,2	80,0
„ frontal min. . . .	65,6	66,5	66,7	68,0	63,9
„ fac. sup.	50,2	52,6	53,9	56,1	51,6
„ nas.	46,2	44,4	44,0	46,0	45,8
„ orb.	82,7	85,1	82,2	86,0	82,9
„ alv.	100,0	95,8	95,9	96,8	96,9
Ang. facial	68°	72°	72°	71°	72°
„ intrafacial. . . .	68°	65°,5	66°	66°	67°,5

Será, porém, ousado assentar sôbre algumas dessas diferenças uma profunda distinção antropológica. Apenas nos parece legítimo considerar os bretões e talvez os vascos como pertencendo a uma variante do *H. alpinus*, que designaremos por *sub-alpina*, e assim os saboianos e auvergnêses, nalguns caracteres, marcariam uma transição para essa forma.

O *H. dinaricus*, hipsibraquicéfalo, leptoprósopo, desarmónico, de alta estatura e nariz fino, tem porventura afinidades com o *H. armenicus*. Convêm não esquecer o papel que, as deformações artificiais podem ter na génese da hipsibraquicefalia. Sem elementos suficientemente minuciosos para uma sistematização dos dados relativos ao *H. dinaricus*, limitar-nos-emos a admitir o tipo que DENIKER designa por *sub-adriático*, mais claro do que a raça adriática propriamente dita, mas, não possuindo quaisquer dados craniológicos sôbre êsse tipo sub-adriático, não poderemos entrar em linha de conta com êle na nossa classificação dos braquioides portuguezes que estamos estudando.

*

O tipo médio dêstes nossos braquioides corresponde indubitavelmente, pelo alongamento facial ou pela redução trans-

versal da face, leptorrinia, sub-braquicefalia, etc., à forma *subalpina*, se bem que modificada por uma forte influência de elementos hipsicéfalos, que podem ser os da própria população dolicoide, ou revivescências de hipsibraquicéfalos imigrantes antigos, ou o *H. dinaricus*. O simples confronto de alguns dados métricos é concludente:

	Braquioides portugueses	St. Martin (Valais)	Galo-bretões	Baixo-bretões
Ind. cefálico	81,5	83,3	81,8	81,5
„ vert. longo	74,5	73,8	70,3	71,3
„ vert. transv.	91,4	87,6	83,7	88,1
Rel. vert. modular	87,6	86,2	83,6	85,9
Ind. frontal min.	67,3	67,6	66,7	68,0
„ estefânico	80,6	80,8	76,8	77,2
„ orbitário	85,3	87,9	82,2	86,0
„ nasal	44,5	50,3	44,0	46,0
„ alveolar	95,9	97,6	95,9	96,8
Ang. facial	72°,5	71°,5	72°	71°

Aproximando-se mais do *H. alpinus* do Valais no índ. vértico-longo, rel. vértico-modular, e índ. frontais, aproxima-se mais dos baixo-bretões no índ. cefálico, índ. vértico-transverso e índ. orbitário, e dos galo-bretões nos índ. nasal e alveolar e ângulo facial.

Relativamente aos focos braquioides espanhois, julgamos que, pelas suas dimensões verticais, o nosso braquioide médio se avizinha mais do tipo extremenho do que do cantábrico.

Parece que na série é possível discriminar alguns crânios com formas assimiláveis a várias das já descritas. Relativamente às formas primitivas, tivemos a impressão de que era com a *neobraquimorfa*, globulosa, sem um grande achatamento occipital, etc., que era possível fazer uma aproximação do maior número de exemplares estudados com detalhe. Da *protobraquimorfa* e da *protosfenoide* (Mugem) poder-se-iam avisinhar menos exemplares, em que se constatava a queda quasi vertical do occiput, o contorno esfenoide ou quasi esfenoide, estreitamento frontal, etc. Mas a verdade é que, como vimos, o fio da

evolução da braquicefalia na protoistória e história de Portugal está ainda de tal modo perdido que sobre afinidades mais ou menos fragmentares não é possível scientificamente afirmar que os nossos braquicéfalos actuais ou apenas alguns dêles constituem sobrevivências perfeitas ou modificadas dos braquicéfalos primitivos. O exemplar de Alcoutão, de que demos notícia, e os raros especimens da época romana não bastam para, por emquanto, se considerar como reatado êsse fio.

É mesmo com as populações europeias actuais com que os nossos braquioides teem afinidades, não ousamos pretender estabelecer um seu parentesco directo. É crível que haja por vezes um parentesco remoto. É mesmo possível que se trate também de casos de *isomorfismo politópico*, por simples variação dos dolicoides, ou por cruzamentos de diversos elementos antropológicos do território, ou por influências mesológicas. Contra a hipótese destas últimas influências milita, porém, o facto de ser a dolicocefalia, e não a braquicefalia, a regra entre nós.

Assim passadas à fieira duma crítica fundamentada, algumas das asserções que por vários autores teem sido feitas sobre os braquioides portugueses, não teem, a nosso ver, rasão de subsistir como verdades provadas, emquanto novos dados não venham ampliar ou destruir êstes nossos, o que não é impossível, porque nos não temos por infalíveis e detentores da perfeição.

As ideias de FONSECA CARDOSO sobre o tipo braquicéfalo português e sobre a sua identificação com o de Grenelle e com o tipo braquicéfalo de Muges, ficam prejudicadas nalguns dos seus aspectos. A mesorria do braquioide médio português é muito contestável, pelo menos no crânio. A sua platicefalia, idem. É quanto àquella identificação acabamos de vêr que ela se afasta para o campo das hipóteses em que o arbítrio e a fantasia suprem a falta de dados seguros. Se a classificação dos braquicéfalos primitivos assenta sobretudo em caracteres do crânio cerebral (como nos dois braquicéfalos de Muges), a dos braquicéfalos actuais tem podido ser feita também sobre caracteres faciais, etc. Todas as hipóteses de identificações entre uns e outros devem ser prudentemente formuladas.

Não possuímos especiais elementos para apreciar o que o sr. dr. COSTA FERREIRA nos diz sôbre a etnogenia alemtejana e algarvia. Parece-nos mesmo aceitavel, até demonstração em contrário, o que aquêlê antropologo concluiu, seguindo um método um tanto diverso do que nós seguimos neste trabalho.

Quanto, porém, a que a mesaticefalia minhota seja uma prova da invasão *celta*, não compartilhamos tal modo de vêr. O sr. dr. COSTA FERREIRA, como FONSECA CARDOSO (1), adotava a opinião de BROCA sôbre o tipo físico dos celtas. Ora, em primeiro lugar, as identificações que se tem querido fazer dos grandes grupos étnicos da história antiga com um tipo antropológico pécam correntemente porque, então como agora, se tratava já muitas vezes de populações mixtas. Mas, em relação aos celtas, convem acentuar que, áparte ALEXANDRE BERTRAND e poucos mais, os arqueólogos contemporâneos confundem *galatas*, *gaulêses* e *celtas*, e atribuem-lhes uma origem paralela ou igual à dos germanos (2). Já escritores da antiguidade diziam que *galata* era um nome dado a povos antigamente chamados *celtas*, designação usada por êles mesmos (3). Alguns escritores empregavam mesmo indiferentemente essas várias designações (4). Os textos descrevem os galatas

(1) Cf. *Anthropologia portuguesa* — Op. cit., p. 65, e *passim*. DENIKER (*Les races de l'Europe — II — La taille en Europe* — “Congrès de Lyon de l'Assoc. Franç. pour l'Avanc. des Sciences,” Paris, 1908, p. 24) também partilha o modo de vêr do sr. dr. COSTA FERREIRA sôbre a influência céltica entre nós.

(2) DECHELETTE — *Manuel d'Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-romaine* — II — 2.^a parte, Paris 1913, p. 558, nota, e segs.

(3) PAUSANIAS — *Descriptio Graeciae*, liv. I, cap. 3.^o; ed. Didot, p. 5; ed. Fritsch, p. 10.

(4) POLYBIO, STRABÃO, e outros. “Antes de TIMEU, todos os autores, HECATEU DE MILETO, HERODOTO, SCYLAX, PLATÃO, ARISTOTELES, EPHORO, aos quais é preciso juntar APOLLÔNIO DE RHODES, que é um pouco posterior, falam exclusivamente dos Celtas. Os autores mais recentes falam dos Celtas e Gaulêses, e por vezes mesmo, misturam-nos de tal modo, que é muito difícil, senão impossível, separá-los,” (G. DE MORTILLET — *Formation de la nation française*, Paris, 1897, p. 79.) O nome dos Celtas aparece na primeira metade do século v a. C., o de Galatas na primeira metade do século III a. C. (*Ibid.*, pp. 68 e 79, e DECHELETTE, op. cit., p. 560, nota).

“de alta estatura, pele branca láctea, cabelos dum loiro ardente, olhos azues,” (POLYBIO, TITO-LIVIO, etc.). As representações figuradas dos celtas que teem sido encontradas, correspondem de facto mais ao tipo nordico ⁽¹⁾, do que ao braquicéfalo de baixa estatura que BROCA determinou nas populações actuaes das regiões celtas, e considerou o tipo dos velhos celtas, como se a antropologia dos tempos actuaes nos pudesse elucidar seguramente sôbre os tipos das populações primitivas da região.

É claro que não ligamos também aos textos antigos uma confiança ilimitada. É freqüente lêr-se nos escritores antigos referências desdenhosas à sciência dos seus confrades, e nalguns factos, como, por exemplo, nos geográficos, teem sido possível descobrir inexactidões formidaveis. O que diz respeito dum modo geral aos povos ocidentais conservou-se nebuloso e incerto até uma data muito mais recente do que a que se referia ao Oriente. FLÁVIO JOSEPHO, no começo da era cristã acentúa a ignorância dos antigos a respeito dos celtas e iberos.

Embora LAPOUGE assevere que as sepulturas célticas teem dado crânios entre os quaes predomina o tipo nordico ou se *H. europaeus* ⁽²⁾, acordemos em que scientificamente não o averiguou dum modo definitivo o tipo físico dos celtas, sendo de crêr que constituissem já na protoistória um grupo étnico misturado, como são os da actualidade. Admitindo, porêr, que

(1) DECHELETTE, op. cit., II—3.^a parte — Paris, 1914 — pp. 1580 e segs. O pretensio “Gladiador moribundo,” do Museu do Capitólio, que de há muito se liga às representações galáticas, é descrito pelo malogrado arqueólogo francês dum realismo patético: “O guerreiro está nu como os heroes gregos, mas reconhece-se o bárbaro do norte pela sombria energia das suas feições, os cabelos espessos e eriçados, a ossatura um pouco rude do seu corpo...” Os mesmos caracteres se encontram no grupo Ludovisi, do Museu das Termas de Roma, etc. Mencionando várias representações, SALOMÃO REINACH, que tratou o assunto desenvolvidamente, diz: “Em todas essas obras, o tipo do Gaulês parece idêntico: são homens de estatura elevada, forte musculatura, com uma cabeleira abundante e inculta, um perfil energico e quasi brutal.”

(2) *Race et milieu social*, op. cit., p. 52.

os nordicos nêles tivessem o predomínio, o que concorda com os dados arqueológicos, teríamos a explicação da existência de nordicos na Ibéria e talvez até no norte da África⁽¹⁾, muito antes das clássicas invasões dos bárbaros. Êles teriam vindo com as primeiras invasões célticas, o que não obsta a que lhes admitamos outras origens, como excursões marítimas de escandinavos e mais povos do norte. A invasão céltica no Minho, como na Galiza, provar-se-ia assim menos pelos índices cefálicos regionaes do que pela relativa freqüência de loiros⁽²⁾.

Não insistindo por agora na influência celtica na população do nosso território, influência provada já no onomástico e evidenciada por textos históricos, que acusam aqui a existência de celtas⁽³⁾, aludiremos apenas a uma recente doutrina que pretende atribuir aos celtas uma antiguidade maior do que a dos iberos na Meseta ibérica. Até hoje era corrente que, embora a data precisa da chegada dos celtas à Espanha e as condições da conquista fossem ignoradas, êles teriam transposto os Pireneus pelo ano 500 A. C., e pouco a pouco se teriam misturado mais ou menos com a população primitiva, os Iberos,

(1) Sôbre a origem dos loiros norte africanos, LISSAUER comenta as hipóteses de FAIDHERBE e BROCA, SHAU, SERGI, etc. Não descendem, a seu vêr, dos vândalos de Genserico que em 429 depois de C. passaram à África, nem de mercenários romanos, nem dos hiksos expulsos do Egipto, de tipo físico tão discutido, nem tão pouco são autoctones das altitudes. Inclina-se a crêr que se trata de migrações preistóricas de europeus do norte, e não de migrações dos tempos históricos. LISSAUER — *The kabyles of north Africa* — "Annual Report of the Smithsonian Instit.," vol. de 1911, Washington, 1912, pp. 530, 531 e 534.

(2) EUSEBIO TAMAGNINI — *A côr do cabelo e dos olhos nas escolas primárias portuguesas*, "Revista da Universidade de Coimbra," Vol. IV, 1915. É certo entretanto que, segundo FONSECA CARDOSO, no Minho o excesso do tipo moreno sôbre o loiro é muito grande.

Num recente artigo (*Sôbre a pigmentação da íris nalguns escolares portugueses*, "Bol. Oficial do Min. de Instr. Publ.," ano II, 1918) o sr. COSTA FERREIRA diz que é provável que a côr dos olhos e a dos cabelos, nalguns dos nossos tipos antropológicos, sejam caracteres em fases de flutuação. É bem conhecida de toda a gente a tendência que se nota freqüentemente entre nós nos individuos de cabelos loiros ou castanho-claros para êstes escurecerem bastante na passagem da juventude para a idade adulta.

(3) LEITE DE VASCONCELOS — *Religiões da Lusitania* — II — Lisboa, 1905, pp. 57 e segs.

de onde o nome de Celtiberos dado a alguns habitantes da Península (1). Pois ultimamente SCHULTEN veio declarar que os celtas teriam, em relação aos iberos, a prioridade na Meseta (2). Os tartessios, reconhecidos pelos antigos textos como iberos, desde muito ocupavam a bacia do Betis, e se estendiam do Anas ao Iberus, e de ali para este. A sua procedência, segundo SCHULTEN, seria africana: são bem conhecidas as afinidades entre iberos e berberes. No Mediterrâneo os iberos estender-se-iam às ilhas Baleares, Pitiusas, Sardenha, Malta e Sicília, como, além Pirineus, á Aquitânia. A população mais antiga da Península seria lígure, e os *vascones*, até pela partícula *asc* do nome, sê-lo-iam também. Os cinetes, estabelecidos no Algarve, seriam igualmente lígures. Com o ano 400 a. C. os iberos, repellidos da Provença pelos gals, repassam os Pirineus. Depois de 250 já não se fala de celtas no centro da Península, mas só numa pequena parte ocidental, e a Península têm já o nome de Ibéria. Os celtiberos, "iberos em terra de celtas," e não o contrário, ocupam a Meseta. Em 218 há quem chame iberos aos lusitanos, o que mostra terem chegado ao Atlântico os iberos invasores.

Os iberos e os celtiberos são descritos por SCHULTEN como dolicocefalos, de pequena estatura, côr tostada, lábios grossos e nariz achatado. Os lígures seriam braquicefalos, de nariz e boca finamente formados.

Não tendo conhecimento directo da obra do professor alemão, que o estado de guerra nos não permitiu agora adquirir, é impossível emitir sôbre ela uma opinião definitiva. Mas tanto quanto o resumo publicado em Barcelona nos permite crêr, há ali bastante de hipotético e discutível, como de resto em todos os trabalhos sôbre etnologia protoistórica da Península.

A parte antropológica é talvez excessivamente simplista,

(1) DECHELETTE, op. cit., II -- 2.^a parte, p. 576.

(2) *Numantia. Die Ergebnisse der Ausgrabungen 1905-1912 — I Band. Die Keltiberer und ihre Kriege mit Rome* — München, 1914. (Resumo do Dr. P. Guimpera, trad. de Vergílio Corrêa, na "Atlantida", n.º 24, ano 2.º).

se bem que não é impossível que corresponda até certo ponto à verdade. Quanto à origem africana dos iberos, embora as afinidades dos povos peninsulares com os berberes estejam estabelecidas, julgamos poder demonstrá-la tão facilmente como a sua origem europeia ou asiática. O mito da Atlantida, êsse perdeu a sua primitiva voga. A existência na antiguidade dum país chamado Ibéria, ao sul do Cáucaso, levou alguns autores, como BERTRAND, a dar os iberos como tendo emigrado do Cáucaso para Espanha. Mas êstes iberos do Cáucaso são citados só no século II a. C., enquanto que os de Hispania o eram já no século V, e por autores orientais. STRABÃO e outros antigos consideravam, pelo contrário, os iberos do Cáucaso descendentes dos de Hispânia, mas também se emitiu a hipótese de se tratar duma simples homonímia (1).

Se, como em grande parte SCHULTEN parece ter feito, percorrermos os textos históricos e procurarmos as mais antigas indicações sobre os iberos e a extensão dada a êste nome étnico, temos de concluir que dos textos, que nos restam, anteriores ao século 2.º antes da era cristã, se não pode depreender que os iberos ocupassem toda a Espanha, precisando-se apenas a sua situação no sul e nas costas mediterrâneas.

Do século VI para o V, HECATEU DE MILETO acusa-os na Hispânia até aos Pirineus (2), sem pormenorizar, porém, os limites dos seus territórios a norte e ocidente, o que permite entendê-los tanto uma população do sul da Península, como de toda a Península.

O poema de FESTO AVIENO, que alguns julgam ter sido inspirado por um roteiro fenício do século VI, entende os iberos no *strictu sensu*, como povos das margens do Iberus ou Ebro, distinguindo-os dos vizinhos tartéssios (3). Por outro lado junto do Promontório Sacro, coloca os cinetes, e na *Ophiusae frons* (costa ocidental da Hispânia), acima dos cinetes, os cempses e

(1) G. DE MORTILLET — Op. cit., pp. 64 e 65.

(2) *Ibid.* — P. 59.

(3) *Ora marítima* — V, vv. 248-254. D'ARBOIS DE JUBAINVILLE — *Les premiers habitants de l'Europe* — Vol. 1, 2.ª ed. — Paris, 1889, p. 28.

seses, que ninguém sabe ao certo quem eram e donde tinham vindo (1), embora MARTINS SARMENTO os suponha oriundos do grémio tartéssio, de que proviriam também os cinetes. Pretende SARMENTO que os tartéssios eram lígures e não iberos (2).

Refere-se HERODOTO, no século V, aos iberos, nos exércitos de Amilcar, não dizendo, porém, a sua origem (3). A seu turno, THUCYDIDES considera os sicanos da Sicília como iberos provenientes das margens do Sicanus, rio da Ibéria, donde os expulsaram os lígures (4). HERODOTO D'HERACLEA estende o território dos iberos até ao Ródano, e inclui os tartéssios e os cinetes entre as tribus iberos, reconhecendo assim os iberos também no sudoeste da Península (5).

No século IV, ARISTOTELES refere-se ao caminho da Itália para os paizes dos celtas, celto-lígures e iberos, caminho chamado de Hércules e percorrido quer por gregos quer por indígenas (6). Várias vezes fala da Ibéria ou Hispânia, não precisando, porém, os seus limites, mas referindo-se às suas riquezas (7) e ao mistério de que os cartaginêses cercavam as regiões para além das colunas de Hércules (8).

O periplo suposto de SCYLAX (que teria sido um navegador do século VI a. C.) diz: "os primeiros da Europa são os Iberos, povo da Ibéria e do rio Iberus, ... depois, Empúrias ... A navegação costeira da Ibéria dura sete dias e sete noites. Depois dos Iberos seguem-se os Lígures e Iberos misturados até ao rio Ródano," (9). Parece entender a Ibéria e os iberos no *strictu sensu*.

(1) AVIENO dá os cempses como da ilha Cártara. Não se sabe onde era esta ilha, mas supõe-se que fôsse perto dos Tartéssios.

(2) MARTINS SARMENTO — Estudo e interpretação da *Ora marítima*, 2.ª ed., Pôrto, 1896, pp. 87 e segs.

(3) HERODOTO — Liv. VII, Cap. CLXV, p. 364, ed. Didot.

(4) THUCYDIDES — *De bello peloponnesiaco* — Liv. VI., 2.ª ed. Stephanus, p. 410.

(5) HERODORO — *Fragmenta*, 20, p. 34, ed. Didot.

(6) ARISTOTELES — *De mirabilibus auscultationibus* — Cap. LXXXV — Ed. Didot p. 88, 3.º vol.

(7) *Ibid.* — Cap. LXXXVIII — p. 89.

(8) *Ibid.* — Cap. LXXXIV — p. 88.

(9) *Scylacis Caryandensis Periplus* — §§ 2 e 3. Ed. Didot, pp. 16 e 17.

Só no século III a. C. é que a designação de Ibéria parece estender-se a toda a Península, e se acusam iberos noutras regiões diversas do sul e leste, pelo menos misturados com celtas—os celtiberos. Do século II em diante o nome de iberos refere-se talvez à maioria dos habitantes da Península, tendo deixado de se referir apenas aos do litoral sul e leste. POLYBIO, no século II, escreve que “a parte da Europa além dos Pirineus, que pertence parte ao *nosso mar* e parte ao externo, chama-se Ibéria,, habitando-a nações bárbaras (1). A Lusitânia é, para o autor grego, um região da Ibéria (2). Em suma, para não prolongar as citações, diremos apenas que, no princípio da era cristã, como o seu coevo DIODORO SICULO, o autorizado geógrafo STRABÃO marca à Ibéria, entendida no *latu sensu*, os Pirineus por limites orientais, dizendo porêem, que antigamente ela se estenderia até ao Ródano (3). E a extensão do nome de Ibéria e dos iberos a toda a Península—até ao “frígido oceano boreal,,—verifica-se em quási todos os textos, que tratam mais tarde o assunto (4).

Quanto aos celtas em Espanha, é certo que, já na segunda metade do século V, HERODOTO escreveu que êles viviam no extremo ocidental da Europa, junto dos cinetes ou cinesios (5), fazendo-se, porêem, esta menção dos celtas no território peninsular depois de se citarem aqui os iberos, embora talvez entendidos no *strictu sensu*. Tem sido dado em geral pouco valor à asserção de HERODOTO porque êle confunde pontos essenciais de geografia, colocando, por exemplo, as origens do Isler (ou

(1) POLYBIO — *Historiæ* — Liv. 3.º, § 37. n.ºs 10 e 11. Ed. Didot p. 143.

(2) Id. — *Geographica* — Liv. XXXIV, § 8, n.º 4. Ed. Didot. p. 113,

(3) STRABÃO — *Geographica* — Liv. III, cap. IV, § 19. Ed. Didot., p. 138.

(4) DYONYSIO — *Orbis descriptio* — Vv. 281-286, ed. Didot, p. 117.

FESTO AVIENO — *Descriptio orbis terræ* — Vv. 414-421, ed. Didot, p. 180.
PRISCIANO — *Periegesis* — Vv. 281-284, ed. Didot, p. 192. EUSTATHIO — *Commentarii*, § 281, ed. Didot. p. 281, etc., etc.

(5) G. DE MORTILLET — Op. cit., p. 69. LEITE DE VASCONCELOS — Op. cit., p. 57. DECHELETTE — Op. cit., II, 2.ª parte, p. 567. Etc.

Danubio) e do Nilo no mesmo lugar; e dizendo que o Isler, nascendo no país dos celtas, atravessa a Europa pelo seu meio (¹).

EPHORO, no século IV, distribue as populações extremas da terra dêste modo: a oriente os hindus, a sul os etíopes, a norte os scitas e a ocidente os celtas (²). Mas a Gália, por exemplo, não seria o ocidente a que EPHORO se referiria? Aludiria êle antes à Península Ibérica? ARISTOTELES, no mesmo século, coloca as celtas *acima da Ibéria, numa região de frio rigoroso* (³), dizendo também, como já vimos, que o caminho de Hércules conduzia de Itália até aos celtas, celto-lígures e iberos. FESTO AVIENO, inspirado talvez pelo periplo do século VI, dá notícia dos celtas no norte da Europa, atribuindo-lhes a expulsão duns lígures das regiões geladas da Ursa (⁴).

O que devemos entender por “acima da Ibéria,”? Se nessa data, a Ibéria parecia tomar-se ainda no *strictu sensu*, o norte de Espanha confundir-se-ia então com as regiões frias do norte da Europa, onde os escritores do século II em diante colocam a origem dos celtas, identificando-os frequentemente com os hiperbóreos.

Do século III em diante já vimos que a Ibéria é tomada no sentido lato, e os textos colocam a Céltica para lá dos Pirineus, embora reconhecendo que na Ibéria há uns núcleos célticos, e os celtiberos. POLYBIO refere-se aos célticos e celtiberos da Ibéria (⁵).

No século I, o periplo anónimo, atribuído a SCIMNOS DE CHIO, diz que o oiro, o estanho e o cobre veem da Céltica

(¹) G. DE MORTILLET — Op. e p. cit. MARTINS SARMENTO — Op. cit., pp. 58 e 59.

(²) G. DE MORTILLET — Op. cit., p. 71, MARTINS SARMENTO — *Os argonautas* — Pôrto, 1887, p. 213. STRABÃO — Op. cit., Liv. I — Cap. 2.º, § 28, p. 28, ed. Didot.

(³) ARISTOTELES — *De animalibus historiæ* — Liv. VIII, cap. XXVIII, p. 169, ed. Didot.

(⁴) MARTINS SARMENTO — *Os lusitanos*, Pôrto, 1880, p. 6.

(⁵) POLYBIO — *Geographica* — Liv. XXXIV, § 9, pp. 113 e 114, ed. Didot.

pelo Tartesso (1). Os primeiros junto do mar Sardo são os libi-fenícios, colônia de Cartago, diz o autor; depois os tartéssios, a quem os iberos ficam contíguos. Interiormente e acima dêstes logares estão os bebrices, povo citado então pela primeira vez, e depois raras vezes mencionado, tanto que nem STRABÃO, tão minucioso, se lhes refere (2). Em seguida, inferiormente e no litoral, estão os lígures e as cidades gregas (3). O texto suposto de SCIMNOS parece considerar ainda os iberos no sentido restrito, entra em conta com os bebrices, talvez um grupo secundário, e coloca a Céltica depois do Tartesso, ou perto dêste (4), o que, embora obscuro, permite crêr que as origens do Tartesso fôsem povoadas por celtas. DIODORO SICULO, no comêço da éra cristã, escrevia explicitamente que só se designavam por celtas povos que havia para além dos Pirineus (5), embora contasse que em Espanha os celtas e os iberos tivessem tido lutas violentas, acabando, porém, por se fundir, dando origem aos celtiberos (6). STRABÃO, seu coevo, que passa por mais seguro, dizia também que são os Pirineus que separam a Céltica da Ibéria (7), mas localisava alguns célticos na Iberia. Assim, na mesopotâmia entre o Tejo e o Anas colocava uma maioria de célticos, com uma minoria de lusitanos que os romanos tinham feito transpor o Tejo; ao norte da Lusitânia no extremo noroeste da Ibéria, junto dos artabros do Cabo Nério, situava também célticos, crendo-os próximos parentes dos das margens do Anas; a leste dos carpetanos, vetões, váscus e calaicos (por alguns abrangidos nos lusitanos, e que êle parece

(1) SIMNOS DE CHIO (?) — *Orbis descriptio* — Vv. 162-166. Ed. Didot, p. 29.

(2) G. DE MORTILLET — Op. cit., p. 66.

(3) SCIMNOS DE CHIO (?) — Op. cit., vv. 196-202, pp. 203 e 204.

(4) *Ibid.*, v. 168, p. 201.

(5) DIODORO SICULO — *Bibliotheca historica*, Liv. v, § xxxii, p. 273, ed. Didot.

(6) *Ibid.*, Liv. v, § xxxiii, p. 274, ed. Didot. Para êste autor os lusitanos eram iberos (§ xxxiv, p. 215).

(7) STRABÃO — Op. cit., Liv. iii. cap. i, § 3.º, ed. Didot, p. 113.

considerar antes tribus limítrofes dos lusitanos a leste) colocava os celtiberos (1).

O mesmo STRABÃO acentua a ignorância dos escritores antigos a respeito dos habitantes do ocidente, que designam povos separados e distintos por denominações gerais, quer nomes simples como os de Celtas e Iberos, quer nomes mixtos como os de Celtiberos e Celtoscitas (2). Diz também que ERATOSTHENES, agora citado por SCHULTEN, e que morreu no princípio do século II a. C., ignorava absolutamente tudo o que dizia respeito à Ibéria e à Céltica, e com mais forte razão à Germânia, Bretanha, etc. (3). FLAVIO JOSEPHO, mais tarde, frisava também a ignorância dos antigos a respeito de celtas e iberos (4).

Os textos históricos não permitem, pois, em suma, afirmar mais do que o seguinte: que os iberos constituíram desde tempos muito remotos um povo situado *pele menos* na Espanha mediterrânea junto do rio Ebro, de que lhes veio o nome ou a que êles deram o nome; que os tartéssios, cinetes, cempses e sefes, habitavam também o sul e o ocidente da Espanha, sendo os dois primeiros, segundo HERODORO (sec. V) parentes dos iberos; que no século V se alude já a celtas no sudoeste da Hispânia junto dos cinetes, tendo, porêem, no século IV sido localizados *acima da Ibéria* em regiões de frio muito rigoroso, que podem ser o norte de Espanha, ou talvez os países do norte da Europa, ou uns e outros; que no século III, ao mesmo tempo que se estende claramente a designação da Ibéria a toda a Península e se coloca claramente a Céltica para lá dos Pireneus, se fala de celtiberos na Hispânia; que nos séculos seguintes se fixam melhor algumas localizações célticas, uma a sudoeste, talvez já a conhecida no século V, outra a noroeste, e enfim a dos celtiberos no centro da Espanha; enfim, que se

(1) STRABÃO — Op. cit., Liv. III, cap. I, § 6, pp. 114 e 115, ed. Didot; cap. III, §§ 3 e 5, pp. 126 e 127.

(2) *Ibid.* — Liv. I, cap. II, § 27, p. 27.

(3) *Ibid.* — Liv. XI, cap. VI, § 2, p. 435.

(4) G. DE MORTILLET — Op. cit., p. 60.

DIODORO SICULO parece dar a entender que os celtas foram invasores, os iberos os indígenas, não é inadmissível supôr-se o contrário.

Estaria assim indicado suprimir-se a designação genérica de *iberos*, que se tem dado às populações primitivas da Península, quando de princípio, como muito bem acentuou JULIAN (1), só uma tinha direito incontestado a ela, a das margens do Ebro. Mas, desconhecendo-se a extensão que esta possuía a norte, é lícito presumir que se tratasse duma grande população, dada a generalisação do seu nome à Península, do século II em diante, o que atesta à sua importância, confirmada também pela existência, já antes dêsse século, de populações mixtas de *celtiberos* e *ibero-lígures*, e pela remota invasão por iberos, do território dos Pirineus ao Ródano, o que mostra o seu poder expansivo. Todavia, se no sudeste da Península a preponderância étnica dos iberos deve reconhecer-se desde distantes épocas, no norte e talvez a oeste os celtas, oriundos do norte da Europa (2), deveriam ter feito ocupações mais ou menos extensas, pelo menos desde os séculos V ou VI. Havia aí, já antes, iberos, como os do sudeste? É o que a história não nos diz, e, se é certo que os historiadores nos dão, sobretudo do século I em diante, os lusitanos e outros povos da Meseta e norte como iberos, é lícito ainda assim perguntar se se tratava de iberos recémvindos a essas regiões e do mesmo tronco étnico dos iberos mediterrâneos, ou se tratava apenas da generalisação arbitrária dum nome étnico ou geográfico.

Debalde se apelou até agora para a arqueologia e a antropologia para se resolverem êsses problemas. Os arqueólogos chamam *ibéricas* as antiguidades indígenas pre-romanas, recolhidas no solo de Espanha (3). Alguns antropólogos consideram em geral

(1) DECHELETTE — Op. cit., p. 26, continuação da nota 2 da pag. ant.

(2) Sôbre a situação da Céltica primitiva parece haver menos dúvidas do que sôbre a da pátria dos iberos. Segundo D'ARBOIS DE JUBAINVILLE (op. cit., II, 1894, p. 278), aquela teria sido a este do Reno médio, na bacia do Meno, e sôbre as duas margens do Alto Danúbio, no grão-ducado de Bade, no reino de Wurtemberg e no reino da Baviera.

(3) DECHELETTE — Op. cit., p. 26.

os antigos iberos como representantes da raça mediterrânea ou ibero-insular, morena, baixa e dolicocefala ⁽²⁾. Mas tendo a idade do bronze terminado cerca do século X a. C., e sendo do século VI os mais antigos textos que falam dos iberos, não é possível fazer recuar a existência dos iberos como entidade étnica da Península, sequer até aos primeiros tempos dos metais, sabendo-se demais a mais, pelas descobertas, d'El Argar, por exemplo, que já na idade do bronze o sudeste espanhol era habitado por populações antropológicamente mixtas ⁽³⁾, embora com predominio da dolicocefalia.

Na asserção de que os lígures foram a mais antiga população da Espanha, antecedendo os celtas na Meseta, segundo SCHULTEN, e identificando-se, segundo MARTINS SARMENTO, com as populações descritas a oeste e sudoeste no roteiro que serviu de guia a AVIENO, há margem a lata discussão.

HESÍODO, no século VIII a. C., citava como povos que bebiam leite de jumenta os lígures, os scitas, e os etíopes. É a primeira referência histórica aos lígures. O texto de STRABÃO que reproduz o fragmento de HESÍODO é: "Αἰθίοπας Λίγυρας τε ἰδὲ Σκύθας ἰππημολγούς." ⁽¹⁾ Ora, contra o que disto se depreendeu, por vezes, não se precisa aqui de modo algum a posição relativa dos três povos, nem se exclue a hipótese de que houvesse outros também importantes no oeste da Europa, além dos lígures, que, mesmo residindo na Ligúria actual, já para os gregos estavam bem a oeste.

D'ARBOIS DE JUBAINVILLE estendeu os lígures a toda a Europa ocidental, atribuindo-lhes os monumentos megalíticos e a civilização da pedra polida, que não distingue da idade do bronze ⁽²⁾. Também o nosso MARTINS SARMENTO escrevia que

⁽²⁾ *Ibid.*, p. 27, nota 2.

⁽³⁾ L. SIRET — *Las primeras edades del metal en el sudeste de España*, op. cit., p. 343.

⁽¹⁾ HESÍODO — *Fragmenta peripli incertaeque sedis* — CXXXII. 122, ed. Didot, p. 62.

⁽²⁾ D'ARBOIS DE JUBAINVILLE — Op. cit., II, pp. 205 e segs.

“a pedra polida não forma uma época distinta da dos metais,, (1) e que os dolmens eram obra dos lígures (2).

A confusão entre a pedra polida e a idade dos metais não é hoje admitida pelos arqueólogos. Quanto às relações dos monumentos megalíticos com os lígures, são elas combatidas pela ausência de vestígios arqueológicos de tribus ligúricas em regiões de dolmens, como pela falta de dolmens na Ligúria histórica (3). Mas, a admitir-se a braquicefalia ligúrica (afirmada por BROCA e HERVÉ, contestada por outros) alguma relação poderia haver entre êles e a distribuição dos monumentos megalíticos, visto que a distribuição duma braquicefalia moderada nas costas europeias parece ter uma certa relação geográfica com a desses monumentos (4). Note-se, porém, que, segundo autorizada opinião, o período ligúrico, por excelência, é a idade do bronze (5), que no todo ou numa grande parte está ainda na Ibéria fóra dos textos históricos que atingem a mais remota antiguidade. A arqueologia, segundo a mesma opinião, não reconheceu ainda qualquer traço distinto dos lígures em Espanha (6). Detenhamo-nos neste ponto.

Não há no onomástico português elementos bastantes para se definir uma filiação nos lígures. O culto do cisne astral, tão famoso entre êstes, não figura nas *Religiões da Lusitânia*. Emfim a abundância, dita característica, de fouces de bronze em territórios ligúricos (7), não se comprovou entre nós: apenas se encontraram umas 3 ou 4 e uma fôrma (8).

No onomástico, D'ARBOIS DE JUBAINVILLE sómente nos fala

(1) MARTINS SARMENTO — *Os argonautas* — Pôrto, 1887, p. 251.

(2) *Ibid.*, p. 248.

(3) DECHELETTE, op. cit., p. 23, nota.

(4) GIUFFRIDA-RUGGERI — *Antropologia e Archeologia*, etc. Op. cit., pp. 11 e segs. do extr.

(5) DECHELETTE — Op. cit. — II — Parte 1.^a, p. 24, nota.

(6) *Ibid.* — P. 8, nota 1.

(7) *Ibid.* — Pp. 13 e 14.

(8) JOAQUIM FONTES — *Sur un moule pour faucilles de bronze provenant de Casal de Rocamnes* — Extr. do “Bul. de la Soc. Port. Sc. Nat.” — Lisboa, 1916.

das minas de cobre do *Vipascum* ou de *Vipasca*, perto de Aljustrel, em cujo nome aparece o elemento *asc*, e do Douro, o antigo *Durius*, que diz masculino do nome de dois afluentes do Pó ⁽¹⁾. Quanto à religião, apenas o descobrimento, em Vizela, do culto pre-romano do Deus Bormânico, adorado na Gália e na Ligúria, poderia sugerir a ideia duma influência ligúrica ⁽²⁾. Por último, dos textos, teria talvez significação, não o de HESÍODO, já citado, mas o de FESTO AVIENO que, considerando os cempses, cinetes e tartessios ⁽³⁾, como habitando o poente e sudoeste da Hispânia, coloca os lígures a norte dos cempses:

Cempsi atque Saefes arduos colles habent
 Ophiusae in agro: propter hos pernix Ligus
 Draganum que proles sub nivoso maxime
 Septentrione conlocaverunt larem ⁽⁴⁾.

Mas *sub nivoso maxime septentrione* referir-se-ia ao norte Hispânia? Ou não se trataria antes dos lígures dos paízes septentrionais, da Grã-Bretanha, por exemplo?

Se para Portugal a influência ligúrica fica assim problemática pela arqueologia, pelo onomástico e pelos textos, para o resto da Ibéria, a despeito da opinião de DECHELETTE, parece tornar-se menos duvidosa ⁽⁵⁾. O onomástico forneceu mais elementos ⁽⁶⁾, e além do texto de AVIENO, mencionado, há outro do mesmo que coloca as nascentes do rio Tartesso, no pântano ou lago ligustino ⁽⁷⁾, o de THUCYDIDES, já referido, que conta que os lígures, antes da guerra de Troia (antes do

⁽¹⁾ D'ARBOIS DE JUBAINVILLE — Op. cit., II, pp. 104 e 214.

⁽²⁾ LEITE DE VASCONCELLOS — *Religiões da Lusitania*, II, p. 266 e segs.

⁽³⁾ MARTINS SARMENTO considerava afins e também de origem ligúrica êstes dois povos. (Estudo sobre *Ora marítima*, op. cit., p. 89).

⁽⁴⁾ FESTO AVIENO — *Ora marítima*, versos 195-198, ed. Holder, p. 157.

⁽⁵⁾ D'ARBOIS DE JUBAINVILLE — Op. cit., I, p. 379.

⁽⁶⁾ *Ibid.* — II, pp. 102, e segs., e 116.

⁽⁷⁾ *Ora marítima*, vu. 284-285, ed. Holder, pp. 154-155.

sec. XIII a. C. ?) tinham expulso os sicanos, iberos das margens do rio Sicanus, suposto de Espanha, etc.

Mas disto é possível concluir que os *primeiros* povoadores da Ibéria foram os lígures? De modo algum. SCHUTEL considera os lígures, braquicéfalos. Ora, como se disse já, em El Argar e outras estações espanholas da idade do bronze (o período ligúrico, por excelência) não dominam os braquicéfalos, embora lá existam. Tratar-se-ia de ibero-lígures? O pre-neolítico e o neolítico portugueses, como os espanhóis, acusam doliocéfalos, além dos braquicéfalos.

Do exposto, é apenas lícito concluir que alguns lígures, em épocas muito remotas, se instalaram em toda ou em parte da Ibéria, sendo crível que o ocidente desta não ficasse de todo estranho á influência ligúrica. Resta saber, porém, quais os seus antecessores e coevos na Ibéria. Que os iberos tiveram conflitos com êles, dentro e fóra da Ibéria, parece averiguado, nem era difícil presumi-lo tratando-se de povos visinhos.

Os lígures, além de agricultores, eram negociantes. As suas relações com o norte, sobretudo no tráfico do ambar são bem conhecidas, e, como aos fenícios, era natural que os atraísse o estanho das minas portuguesas. Até, mais como viajantes e comerciantes do que como colonos sedentários êles poderiam ter aparecido no ocidente da Ibéria, dados os seus raros e discutíveis vestígios aqui. Mas o não precisarem os velhos textos históricos nitidamente as suas relações com estas regiões, deve resultar certamente do mistério de que os próprios lígures as cercavam. Como os fenícios, êles ocultavam as origens e a proveniência dos seus tráficos (1). Deve-se-lhes por certo uma grande parte dos erros dos geógrafos e da prolongada ignorância em que os paizes mediterrâneos mais civilizados da antiguidade estiveram a respeito do ocidente ibérico.

Não nos parece que MARTINS SARMENTO tivesse razão em confundir lusitanos, cempses, cinetes, tartéssios (2) etc. com os

(1) DECHELETTE — Op. cit., p. 19.

(2) Os tartéssios, iberos segundo HERODORO D'HERACLEA e recentemente segundo SCHUTEL, eram considerados lígures por SARMENTO.

lígyres, mas, apesar das fracas provas arqueológicas e documentais da influência lígyrica nesta região, crêmos bem que os lígyres aqui passaram e traficaram. A supômo-los os povos dos dolmens e os antepassados dos braquicéfalos marítimos (1), a antropologia viria em apoio da nossa suposição. Mas se esta é verosímil, não é scientíficamente sólida.

Os lígyres entram na história no oitavo século antes de Cristo, mas a arqueologia acusa já muito antes a civilização lígyrica. Começando a idade do bronze na Gália cerca da 2.^a metade do 3.^o milenário antes de Cristo, será possível recuar-se até ao neolítico, até ao período dos monumentos megalíticos, a existência dos lígyres como agregado étnico distinto e com civilização própria? Será demasiado, e mais prematuro nos parece ainda falar-se de lígyres em presença dos braquioides tardenoisenses do Vale do Tejo. Não nos repugnaria crêr, porém, que algumas afinidades houvesse entre os braquioides ou alguns braquioides da idade da pedra, e os lígyres da idade do bronze, cujas relações com as civilizações lacustres da Suíssa e da Itália parecem provadas (2).

A admitirmos o predomínio de braquicéfalos entre os lígyres históricos e da idade do bronze, nem só, entretanto, à sua influência se poderia atribuir a origem da minoria de crânio curto e largo que existe na população portuguesa.

Os fenícios trariam especimens de braquicefalia, da bem conhecida braquicefalia síria, de que já citámos um bom exemplar de Damasco. A morfologia armenoide de alguns primitivos e actuais braquioides de Portugal é muito sugestiva, para que ponhamos em dúvida as influências orientais. Mas dos fenícios

(1) O crânio lígyre actual é descrito por NICOLUCCI como francamente braquicéfalo, globuloso, de fronte muito larga. Mas VERNEAU é de opinião que o autor italiano exagera a sua braquicefalia. (*La grotte de Bas Moulins* — Op. cit.). Retomando o estudo da questão lígyrica, MAURICE PIROUTET (*Quelques réflexions sur la question lígyre* — "L'Anthr.", XXVI, 1915, p. 69 e seg.) inclina-se a que os antigos lígyres são mais provávelmente representados antropológicamente pelo braquicéfalo alpino do que pelo dolocéfalo de Cro-Magnon. Não os considera entretanto homogêneos e evidencia as dificuldades em saber o que se deva entender por "lígyres..".

(2) D'ARBOIS DE JUBAINVILLE — Op. cit., II, pp. 71 e segs.

também não teriam sido os primeiros braquioides constatados no nosso território, embora se presuma que as naus tírias aportaram à Ibéria já antes do século XII, isto é, antes da fundação de Cadiz (1).

Igualmente os gregos visitaram as costas ocidentais da Ibéria, pelo menos do século VII em diante (2), sendo bem averiguadas as influências egeas na nossa indústria protoistórica (3). E as influências egeas ter-se-hão traduzido antropológicamente nalguns pontos da Ibéria dum modo paralelo àquele por que se exerceram na África menor. "A civilização própria do mar Egeu, escrevem BERTHOLON e CHANTRE (4), irradiou para a África menor pela pequena raça dolicocefala e também pela população braquicefalaa,, que os autores, noutra ponto do seu estudo (5), definem igualmente de pequena estatura.

Os cartaginêses, os *libifênicios* de SCIMNOS DE CHIO, teriam também aqui estabelecimentos já do século VI para o V (6). Além dos mercadores e marítimos de Cartágo que percorreram estas paragens, algumas transfusões de sangue púnico se fizeram com a entrada na Hispânia de importantes exércitos durante a ocupação cartaginêsa. A massa dominante das populações cartaginêsas das necrópoles do século XV antes de Cristo é dolicocefala. Mas há mesaticéfalos, e a braquicefalia moderada que se encontra hoje na ilha de Gerba e nas costas da Tunísia (sobretudo Sagel) (7) já constituiria também uma minoria perante a maioria de crânio alongado.

Idêntica colaboração na etnogenia portuguesa se poderia ter devido depois aos romanos. Os braquioides duma série de

(1) LEITE DE VASCONCELOS — Op. cit., p. 51.

(2) *Ibid.*, p. 55.

(3) *Ibid.*, p. 56; DECHELETTE — Op. cit., pp. 78 e segs.; RAYMOND LANTIER — *Chronique ibéro-romaine* — "Bull. Hispanique", 1917, pp. 202 e segs.

(4) BERTHOLON e CHANTRE — *Recherches anthropologiques dans la Berbérie orientale (Tripolitaine, Tunisie, Algérie)* — Extr. do "Bull. de la Soc. de Geogr." — Paris, 1913, p. 16.

(5) *Ibid.*, p. 15.

(6) LEITE DE VASCONCELOS — Op. cit., p. 68.

(7) BERTHOLON e CHANTRE — Op. cit., p. 13.

romanos antigos estudados por CANTACUZÈNE, eram platicéfalos, de capacidade pouco mais que fraca, de face moderadamente leptoprósopa, leptorrínicos, de órbitas mesosemas, menos vezes microsemas, orto ou mesognatas, com a característica queda vertical do occiput (1).

Outras influências extranhas (2) teriam antiga e modernamente colaborado na formação da minoria braquioide existente na nossa população. A própria *infiltração intersticial* de populações limítrofes poderá ter-se produzido e produzir-se ainda.

Se nos textos antigos dificilmente poderíamos fundar a tese da proveniência oriental dos nossos mais remotos braquicéfalos, admissível por considerações arqueológicas, êles, porém, permitem atribuir uma origem oriental a alguns braquioides menos remotos. Da braquicefalia semita os fenícios e árabes históricos teriam sido portadores. Mas os textos permitiram crêr também na origem oriental dos iberos: no século II a. C. localiza-se uma Ibéria ao sul do Cáucaso. E aos lígures se poderia dar idêntica proveniência oriental sôbre textos de HERODOTO, EUSTATHIO e LICOPHRONTE que nos falam em lígures das paragens do Mar Negro e da Colchida. A Ligúria do Oriente encontrar-se-ia, diz MORTILLET, ao sul do Cáucaso, na extremidade oriental do Ponto Euxino, entre a cadeia de montanhas e o mar. Seria uma colônia de lígures do Ocidente ou uma hominímia fortuita?— pergunta o mesmo autor (3). Seriam antes

(1) G. CANTACUZÈNE — *Contribution à la craniologie des romains anciens* — "L'Anthr." — T. XXI, 1910.

(2) Os árabes e berberes, por exemplo. Encontram-se na Ásia árabes braquicéfalos. (BERTHOLON e CHANTRE — Op. cit., p. 14). Num seu recente estudo, SELIGMAN (*The physical characters of the Arabs* — "Journ. of the Anthr. Inst. of Great Britain", 1917) assevera mesmo, sôbre dados que colheu, que os Árabes, sobretudo os da Mesopotamia e da Arábia meridional, são mais braquicéfalos do que dolicocefalos, e que a braquicefalia da parte oeste da África do norte parece devida a uma influência árabe. Não se opõe a que os árabes braquicéfalos sejam aparentados com o *H. alpinus*, registrando, porém, que nêles é freqüente o nariz armenoide ou semítico.

Nos cemitérios germânicos de Cascais encontram-se braquicéfalos: descrevemos atraz um exemplar. Não é, porém, permitido estabelecer que êsses especimens hajam vindo com os invasores bárbaros ou lhes sejam anteriores no nosso território.

(3) G. DE MORTILLET — Op. cit., p. 53.

os restos dos lígures primitivos de que teriam derivado os do Ocidente? — podemos nós também perguntar.

Sem, de modo algum, supormos estabelecida a conformidade de textos históricos com as mais antigas migrações reveladas pela arqueologia, — porque aquêles não atingem as eras distantes a que esta última tem arrancado o véu do mistério — são impressivas aquelas indicações históricas. Assim, por todos os motivos, não será ousado supôr para os braquicéfalos europeus, tanto preistóricos, como protoistóricos uma origem oriental.

A hipsicefalia dos primeiros braquioides da preistória europeia argumenta também em favor da sua origem dum tipo *armenoide*, *assiroides* ou afim. As migrações antigas dos armenoides para Ocidente estão demonstradas sôbre dados antropológicos. Encontram-se os seus vestígios até nas ilhas Canárias.

Braquicéfalos orientais não hipsicéfalos teriam sobrevivendo posteriormente, ou então a braquiplaticefalia teria surgido dum condicionalismo mesológico especial (¹), ou mais provavelmente de cruzamentos. Como os armenoides, êstes não seriam necessariamente mongólicos ou mongoloides. O mongoloidismo dos braquicéfalos europeus das variedades *H. alpinus* e *H. dinaricus*, deve ser posto de parte. É uma teoria que fez a sua época; os dados actuais permitem considerá-la baseada em afinidades superficiais, que não resistem a uma crítica severa.

*

Concluamos:

A proporção de braquioides em Portugal é muito pequena.

(¹) PELIZZOLA pretende que a platicefalia alpina nasce da influência do clima. (*L'altezza del cranio nel Tirolo* — Cit. de G. RUGGERI, *Archeologia e Antropologia*, op. cit., p. 30). Também WILLIAM RIDGEWAY (*The application of zoological Laws to Man*. — "Nature", vol. LXXVIII, London, New-York, 1908, p. 529), pretende que a braquicefalia alpina não resultou duma imigração de povos asiáticos mas do condicionalismo ambiente (altitude, etc.). Não seria fácil invocar estas influências na distribuição do índice céfálico em Portugal, onde nas planuras alemtejanas, há menor tendência dolicomorfa do que nas regiões montanhosas da Beira e Trás-os-Montes, e onde, além disso, o braquicéfalo é a excepção, não a regra.

Nas populações das regiões montanhosas de Trás-os-Montes e Beira, em que os tipos primitivos se albergam decerto em maior pureza, é nula ou quasi nula, fazendo crêr que a braquicefalia haja sobrevivendo no nosso território depois da dolicocefalia. Nos *kjoekkenmoeddinger* azilio-tardenoisienses do Vale do Tejo há já braquioides, embora em sensível minoria. As respectivas percentagens teem variado de época para época, talvez aumentando com novas imigrações, para irem diminuindo nos períodos intermédios com a submersão na massa dominante dos dolicocefalos. Apenas na época lusitano-romana do Algarve a quota braquioide foi relativamente alta.

O tipo médio dos braquioides portugueses actuais é subbraquicéfalo, de capacidade regular, mesoconco, de face moderadamente alongada, leptorrínico, ortognata ou levemente mesognata, crânio de aspecto geral mais ou menos globuloso: pode aproximar-se duma variante do *H. alpinus*, que chamámos *subalpina*. Mas uma influência hipsicéfala se manifesta, talvez referível ao *H. dinaricus*, a qualquer hipsicéfalo primitivo, ou até ao próprio hípsidolicéfalo coexistente. Esta tendência hipsicéfala aproxima êsses braquioides dos similares da Extremadura espanhola.

A semelhança de braquicéfalos portugueses com formas de outros povos europeus é explicável quer por parentesco, nascido de migrações ou até de infiltração intersticial, quer por isomorfismo politópico que resultaria ou de meras variações individuais dos dolicoideos em torno do tipo médio, ou de cruzamentos, ou doutras influências ainda não evidenciadas.

Identificaram-se os nossos especimens braquioides actuais com tipos primitivos do território e de fóra de Portugal. Algumas dessas identificações carecem de base suficiente, e vimos no nosso estudo que, com reserva, poderíamos aproximar o seu tipo médio mais da forma que chamámos *neobraquimorfa*, globulosa e de occipital convexo, do que das de Mugem e Grenelle, cujos caracteres se encontram — em geral um tanto atenuados — em menos exemplares.

Também é, a nosso vêr, conjectural qualquer aproximação das formas primitivas ou actuais dos braquioides portugueses,

com os primeiros povos citados nos textos históricos. Com as invasões célticas se não devem relacionar as tendências braquicéfalas. Não está também ainda demonstrada, embora seja presumível, a relação de migrações ligúricas com a braquicefalia marítima e porventura com a distribuição dos dolmens. Mas, se os primeiros braquicéfalos do território português se não podem considerar lígures ou iberos, porque qualquer destes povos surge apenas à arqueologia na idade do bronze ou depois dela, e aqueles braquicéfalos são bem mais remotos, nem porisso, admitido o predomínio da braquicefalia entre os lígures, é contestável a influência destes, mais tarde, na evolução do índice cefálico peninsular. Não só aos lígures, mas a outros povos da história, como fenícios, gregos, cartaginêses, árabes, etc. se podem atribuir infiltrações braquioides no nosso território. Até em cemitérios da época bárbara destacamos braquicéfalos.

Enfim, o que nos parece crível, sobre a proveniência dos primeiros braquicéfalos da Europa central e meridional, é que ela é oriental, talvez armenoide, assiroide ou afim. Longe, porém, de lhes atribuir um valioso *apport* de cultura, entendemos que a sua civilização seria originariamente inferior à dos dolicoides, na nossa opinião os verdadeiros detentores da cultura azílio-tardenoisense.

APÊNDICE I (1)

Caracteres descritivos principais de alguns crânios

COLEÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PÔRTO

(Observações do autor)

N.º 62, ♂ — Contorno superior em ovoide largo. Crânio desenvolvido sobre uma face muito reduzida. Gabela apagada. Zigomas pouco salientes. Malares fugidios e pouco desenvolvidas. Fronte vertical, pequena incurvação no terço médio do perfil craniano, achatamento da região lambdoide, quasi verticalidade do occiput. Parietais grandes e altos.

N.º 64, ♂ — Quasi esferoide; plagiocéfalo. Norma anterior da abóbada em convexidade regular, ligeiramente achatada. Face ampla e larga, zigomas salientes. Glabela e arcadas supraciliares pouco acentuadas. Fronte, pouco inclinada, inflecte-se no metópion; perfil superior quasi horizontal; curva posterior regular, começando antes do obélion.

N.º 74, ♂ — Euripentagonoide. Sutura metópica aberta. Muitos ossos wormianos suturais e fontanelares. Abóbada ogival. Face regularmente desenvolvida, zigomas salientes. Fronte pouco inclinada, terço médio do perfil craniano horizontal, com leve klinocefalia; occiput quasi vertical.

N.º 805, ♂ — Ovoide largo, quasi esferoide. Face desenvolvida, malares e zigomas salientes. Glabela e metade interna das arcadas supraciliares, nítidas. Fronte pouco inclinada, perfil da abóbada em curva regular, pouco fechada, fechando mais no obélion; *chignon* occipital; inion saliente.

(1) Para os dados por nós colhidos nos crânios braquioides da Secção Geológica de Portugal, vid. pp. 237, 241 e 246 deste artigo.

COLECÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DE LISBOA

N.º 6441 ♂ (Minho) (¹) — Ovoide largo. Fronte desenvolvida, pouco inclinada, perfil superior da abóbada em convexidade acentuada, occiput convexo, com a escama occipital *renflée*.

N.º 5833 ♂ (Minho) (²) — Contorno esfenoide. Occiput pouco convexo, quási vertical, com inflexão obélica brusca. Fronte fugidia. Arcadas supraciliares bem acentuadas.

N.º 3288 ♂ (Alemtejo) (³) — Contorno de ovoide largo. Occiput de convexidade nítida. Fronte bastante alta e pouco inclinada.

N.º 7731 ♂ (Alemtejo) (⁴) — Ovoide largo. Fronte pouco inclinada. Linha superior do perfil inclinada para trás e para baixo. Um ligeiro achatamento lambdoide. Occiput pouco convexo.

(¹) N.º 225 da série. O n.º acima é o do coval.

(²) N.º 260 da série.

(³) N.º 295 de série.

(⁴) N.º 2 da série.

APÊNDICE II

Caracteres métricos principais dos mesmos crânios
e dos de Ferreiro

COLECÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PÔRTO
(Observações do autor)

	62 ♂	64 ♂	74 ♂	805 ♂
Diâmetro ântero-posterior máximo.	177 ^{mm}	168 ^{mm}	175 ^{mm}	177 ^{mm}
" transverso máximo	145	138	142	146
" básio-bregmático	131	130	130	135
" frontal mínimo	95	90	97	96
" " máximo.	121	120	116	125
Curva mediana ântero-posterior.	374	343	364	372
Parte frontal.	125	123	133	132
" parietal	135	114(?)	122	114(?)
" occipital	114	106(?)	109	126(?)
Curva horizontal total.	517	502	515	520
Largura bizigomática	113	123	130	131
Altura facial superior (Kollmann)	62	63	68	72,5
" " " (Broca)	74	80	86	85
" orbitária.	34	34	32	36
Largura "	36	39	40	41
" interorbitária	23,5	21,5	—	23,5
" nasal.	19	22,5	21,5	24
Altura "	47	51,5	50	55,5
Distância básico-alveolar	81	95	89	91
" " -nasal	91	98	95	96
Comprimento do buraco occipital	37	33	36	40
Largura do buraco occipital.	29	30,5	30	34
Índice cefálico	81,9	82,1	81,1	82,5
" vértico-longo	74,0	77,4	74,3	76,3
" " -transverso	90,3	94,2	91,5	92,5
" estefano-zigomático	107,1	97,6	89,2	95,4
" estefânico	78,5	75,0	83,6	76,8
" frontal mínimo.	65,5	65,2	68,3	65,8
" facial superior (Kollmann)	54,5	51,2	52,3	55,3
" " " (Broca)	65,5	65,0	66,2	64,9
" orbitário	94,4	87,2	80,0	87,8
" nasal.	40,4	43,7	43,0	43,2
" alveolar	89,0	96,9	93,7	94,8
" do buraco occipital	78,4	92,4	83,3	85,0
Módulo de SCHMIDT	151,0	145,3	149,0	152,7
Relação vértico-modular	86,8	89,5	87,2	88,4
Ângulo facial (Rivet)	78°	73°	73°,5	72°
" intrafacial	60°	67°	65°,5	65°

SÉRIE DE FERREIRO

(Observações de F. Cardoso e R. Severo; índices calculados pelo autor)

	1 M	4 M	7 M	8 M	9 M	30 F	32 F
Diâmetro ant. post. máx.	175 ^{mm}	188 ^{mm}	172 ^{mm}	186 ^{mm}	176 ^{mm}	176 ^{mm}	167 ^{mm}
" transverso máx.	143	154	140	150	142	148	138
" básio-bregmát.	129	137	135	132	130	?	126
" estefânico . . .	124	127	118	130	113	131	106
Curva horizontal total.	510	540	500	540	505	525	495
Largura bizigomática . .	128	146	135	130	137	122	125
Altura facial sup. (Broca).	89	99	94	95	92	80	84
" orbitária	36	34	32	34	35	30	35
Largura "	45	45	41	42	40	39,5	40
" interorbitária . .	25	26	18	20	22	20	17
" nasal	24,5	25	23	23	24,5	23	23
Altura "	51	53,5	56	53	56,5	50,5	45
Compr. do bur. occipital .	34	36	40	40	37	30,5	35
Largura " " "	30	31	30	35	33	29	29
Índice cefálico	81,7	81,9	81,4	80,6	80,7	84,1	82,1
" vértico-longo . . .	73,7	71,3	78,5	71,0	73,9	—	75,4
" vértico-transverso .	90,2	87,0	96,4	88,0	91,5	—	91,3
" estefano-zigomát. .	96,9	87,0	87,4	100,0	82,5	107,4	84,8
" estefano-parietal . .	86,7	82,5	84,3	86,7	79,6	88,5	76,8
" facial de Broca . . .	69,5	67,1	69,6	73,1	67,2	65,6	67,2
" orbitário	80,0	75,6	78,0	81,0	87,5	75,9	87,5
" nasal	48,0	46,7	41,1	43,4	43,4	45,5	51,1
" do bur. occipital . .	88,2	86,1	75,0	87,5	89,2	90,5	82,9
Capacidade	1365 ^{cc}	1630 ^{cc}	—	1555 ^{cc}	—	1532 ^{cc}	1400 ^{cc}
Módulo de SCHMIDT	149,0	158,7	149,0	156,0	149,3	—	143,7
Relação vértico-modular .	86,6	84,4	90,6	84,6	87,1	—	87,7

COLEÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DE LISBOA

(Observações de F. de Macedo e do autor)

	6441 ♂	5833 ♂	3288 ♂	7731 ♂
Diâmetro ântero-posterior máximo.	169 ^{mm}	178 ^{mm}	175 ^{mm}	176 ^{mm}
" transverso máximo	142	144	143	144
" básio-bregmático	133	134	128	124
" frontal	92	96	98	101
" estefânico	115	114	122	117
Curva horizontal total.	497	511	—	—
Largura bizigomática	127	131	124	130
Altura facial superior (Kollmann)	67	70	61	74
" orbitária	29	32	—	—
Largura "	37	38	—	—
" interorbitária	21	22	23	24
" nasal	13	16	—	—
Altura "	25	24	—	—
Distância básico-alveolar	93	101	94	95
" -nasal	95	101	94	100
Comprimento do buraco occipital	37	34	—	—
Largura do buraco occipital	33	29	—	—
Índice cefálico	84,0	80,9	81,7	81,8
" vértico-longo	78,7	75,3	73,1	70,5
" " -transverso	93,7	93,1	89,5	86,1
" estefano-zigomático	90,6	87,0	98,4	90,0
" estefânico	80,0	84,2	80,3	86,3
" frontal mínimo	64,8	66,7	68,5	70,1
" facial superior (Kollmann)	52,8	53,4	49,2	59,7
" " " (Broca)	66,9	67,2	63,7	71,5
" orbitário	78,4	84,2	86,5	85,0
" nasal	48,0	46,6	56,5	40,4
" alveolar	97,9	100,0	100,0	95,0
" do buraco occipital	89,2	85,3	—	—
Capacidade	1450 ^{cc}	1556 ^{cc}	1381 ^{cc}	1593 ^{cc}
Módulo de SCHMIDT	148,0	152,0	148,7	148,0
Relação vértico-modular	89,9	88,2	86,1	83,8
Ângulo facial (Rivet)	72°	70°	71° ₅	71° ₅
" intrafacial	69°	65°	72°	65° ₅

APÊNDICE III

Quadro de alguns índices em mais 16 braquicéfalos
portuguêses, ♂

COLECÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS DE LISBOA

(Observações de F. de Macedo)

	Índice cefálico	Índice vértigo longo	Índice vértico transv.	Índice frontal	Índice facial de Broca	Índice orbitário	Índice nasal
Beira Baixa							
6376	81,0	70,1	86,6	66,4	74,6	87,2	46,9
Extremadura							
5170	80,0	79,4	99,3	66,4	68,3	88,5	42,4
5060	81,6	81,0	99,3	66,4	78,9	79,8	38,9
4858	81,1	69,8	86,0	67,3	72,5	90,0	41,1
3656	80,8	78,2	96,6	69,4	74,8	90,9	41,9
4216	80,0	75,6	94,4	70,8	68,4	84,2	44,0
4692	80,2	73,6	91,8	68,5	72,7	96,1	41,3
6349	82,5	81,3	98,4	65,3	67,4	88,9	46,7
5500	81,7	68,8	84,2	67,8	65,4	86,5	44,7
5536	80,2	75,0	93,5	67,4	68,8	86,8	44,2
6026	80,0	73,9	92,4	66,0	58,8	83,3	45,1
4790	81,8	71,0	86,8	72,2	61,2	84,2	46,0
3252	81,8	74,0	90,5	64,9	62,9	85,0	44,8
3250	80,9	74,3	91,9	66,9	64,4	86,8	47,9
Algarve							
5554	80,9	71,3	88,2	67,8	63,2	81,6	46,0
5502	87,2	74,4	85,4	65,6	70,0	89,7	45,4

BIBLIOGRAFIA

ARANZADI (Telesforo de) — *Cráneos de Guipúzcoa* — Extr. do "Comptendu do Congreso de Madrid da Assoc. Españ. para el Progr. de las Ciencias," — Sessão de 18 de Junho de 1913.

— *Dimensiones de la calvaria en España y sus relaciones de conjunto* — Extr. do "Bol. de la R. Soc. Españ. de Hist. nat.," — Junho, 1915.

— *El triángulo facial de los cráneos vascos* — "Memorias de la R. Soc. Españ. de Hist. Nat.," — Mem. 8.^a, t. x — Madrid, 1917.

ARDU-ONNIS — *Restes humains préhistoriques de la grotte de San Bartolomeo, près Cagliari* — "L'Anthropologie," — 1904, t. xv.

BARROS e CUNHA (J. Gualberto) — *Contribuições para o estudo da Antropologia portuguesa* — II — *O índice facial superior dos portugueses* — Coimbra, 1914.

BASTO (Álvaro) — *Indices cephalicos dos portugueses* — Extr. do "Instituto," — Coimbra, 1898.

BERTHOLON e CHANTRE — *Recherches anthropologiques dans Berbérie Orientale (Tripolitaine, Tunisie, Algérie)* — Extr. do "Bull. de la Soc. de Géogr.," — Paris, 1913.

BONANÇA (João) — *Historia da Lusitania e da Ibéria* — Liv. I a VI — Lisboa, 1887.

CANTACUZÈNE (G.) — *Contribution à la craniologie des romains anciens* — "L'Anthropologie," — T. XXI, 1910.

CARRIÈRE (Gabriel) — *Paléthnologie des Cevennes* — "L'Anthropologie," — T. IX, 1898.

COSTA FERREIRA (A. Aurélio) — *Contribution anthropologique à l'étude de quelques cimetières anciens du Portugal* — Extr. do "Bull. et Mém. de la Soc. de Anthr. de Paris," — 1914.

— *Cráneos portugueses* — III — *Capacidade* — Extr. do "Instituto," — Coimbra, 1899.

— *Sobre a pigmentação da íris nalguns escolares portugueses* — Extr. do "Bol. Of. do Minist. de Instr. Publ.," — Coimbra, 1918.

DECHELETTE (J.) — *Manuel d'Archéologie Préhistorique, Celtique et Gallo-romaine* — I, Paris, 1908; II (1.^a parte), Paris, 1910; II (2.^a parte) — Paris, 1913.

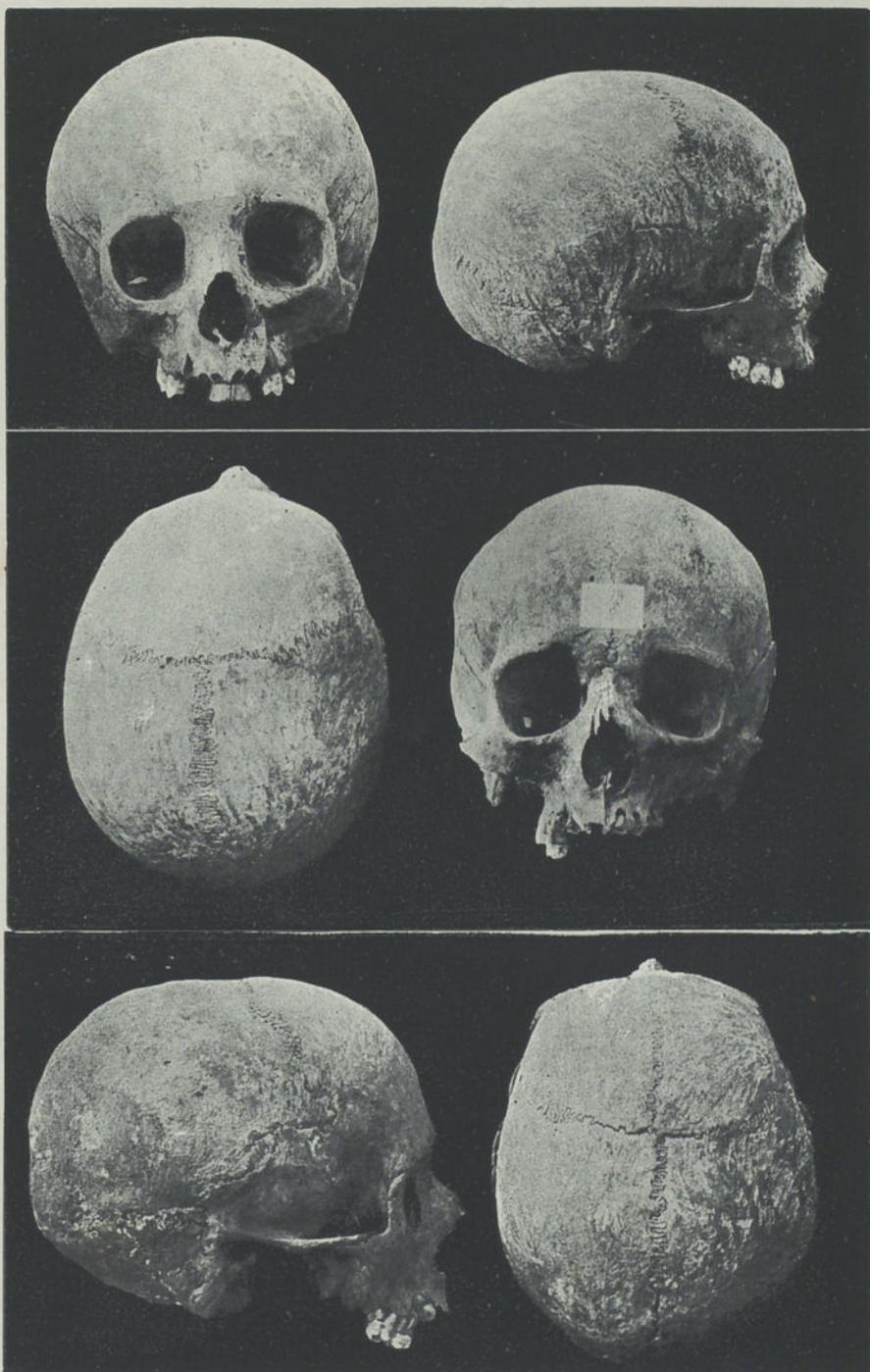
- DENIKER (J.) — *Las races et les peuples de la terre* — Paris, 1910.
 — *Les races de l'Europe* — II — *La taille en Europe* — "Congrès de Lyon de l'Ass. Franç. pour l'Avanc. des Sciences," — Paris, 1908.
- DUCKWORTH — *Note on a skull from Syria* — "Journ. of the Anthr. Instit. of Great Britain and Ireland," — 1899 — (Anal. em "L'Anthr.,").
- FONSECA CARDOSO — *Anthropologia portuguesa* — In "Notas sobre Portugal," — T. I — Lisboa, 1908.
 — *O Minhoto d'Entre Cavado e Ancora* — "Portugalia," — T. I — Porto, 1899.
 — *O poveiro* — "Portugalia," — T. II — Porto, 1908.
 — e RICARDO SEVERO — *O ossuario da freguezia de Ferreiró* — "Portugalia," — T. I — Porto, 1900.
- FONTES (Joaquim) — *Sur un moule pour faucilles de bronze provenant du casal de Rocannes* — Extr. do "Bul. de la Soc. Port. Sc. Nat.," — Lisboa, 1916.
- FRASSETO (Fabio) — *Lezioni di Antropologia* — T. I — Roma, 1909.
- GIUFFRIDA-RUGGERI (V.) — *L'uomo come specie collettiva* — Napoli, 1912.
 — *La successione e la provenienza delle razze europee preneolitiche e i pretesi Cro-Magnon delle Canarie* — Extr. "Riv. Ital. di Paleontologia," — Parma, 1916.
- *Quattro crani preistorici dell'Italia meridionale* — Extr. "Arch. per l'Antrop. e l'Etnol.," — T. XLV — Firenze, 1916.
- *Antropologia e archeologia in taluni riguardi della preistoria europea* — Extr. "Arch. per Antrop. e l'Etnol.," — T. XLVI — Firenze, 1917.
- GOMES (Felismino Ribeiro) — *Contribuições para o estudo da Antropologia portuguesa* — I — *O prognatismo dos portugueses* — Coimbra, 1914.
- HAMY (E. T.) — *Les premiers Gaúlois* — "L'Anthropologie," — 1906, t. XI.
- HERVÉ (G.) — *Les populations mesolithiques et néolithiques de l'Espagne et du Portugal* — "Rev. de l'Ecole d'Anthr.," — IX, Paris, 1899.
 — *Ethnogénie des populations françaises* — "Rev. de l'Ecole d'Anthr.," — VI, Paris, 1896.
- HOUZÉ — *Les crânes néolithiques des cavernes d'Hastières* — "Bull. de la Soc. d'Anthr. de Bruxelles," VIII, 1890 (Anal. em "L'Anthr.,").
- JUBAINVILLE (D'Arbois de) — *Les premiers habitants de l'Europe* — 2.^a ed. — Paris, I, 1899, e II, 1894.
- KEITH (Arthur) — *The bronze-age invaders of Britain* — "Nature," vol. 94, London-New-York, 1915.
- LANTIER (Raymond) — *Chronique ibéro-romaine* — "Bulletin Hispanique," 1917.
- LAPOUGE (V. de) — *Race et milieu social* — Paris, 1909.
 — *Les selections sociales* — Paris, 1896.
- LISSAUER — *The kabyles of north Africa* — "Annual Report of the Smiths. Institut.," vol. de 1911, Washington, 1912.

- MACEDO (F. Ferraz de) — *Lusitanos e romanos em Villa Franca de Xira*.
- MENDES CORRÊA (A. A.) — *Sur les brachycéphales préneolithiques et leur culture* — "Bull. de la Soc. Port. de Sciences Natur.," — Lisbonne, 1917.
- *Sobre uma forma craniana arcaica* — Extr. dos "Anais da Faculd. de Medic. do Porto," — Porto, 1917.
- *Antropologia da Beira Alta* — Extr. do "Instituto," — Coimbra, 1917.
- *Os criminosos portugueses* — 2.^a edição — Coimbra, 1914.
- *Ensaio d'uma classificação natural dos hominídeos actuais* — "Anais da Acad. Politec. do Porto," — x — Coimbra, 1915.
- *Antropologia* — Pôrto, 1915.
- *Sobre a abertura nasal no crânio dos Mamíferos* — Extr. dos "Anais da Acad. Politec. do Pôrto," — Coimbra, 1916.
- MORTILLET (G. de) — *Formation de la nation française* — Paris, 1897.
- (G. e A. de) — *La Préhistorique* — 3.^{ème} édit. — Paris, 1900.
- MOSCHEN (L.) — *Crani moderni di Bologna* — "Atti della Soc. Rom. di Antrop.," — vi, Roma, 1899.
- OBERMAIER (Hugo) — *El hombre fósil* — Madrid, 1916.
- PAULA e OLIVEIRA (F.) — *Note sur les ossements humains existants dans le Musée de la Commission des Travaux Géologiques* — "Comunicações do Serviço Geol.," — T. II.
- *Notes sur les ossements humains qui se trouvent dans le Musée de la Section Géologique de Lisbonne* — "C.-R. du IX^e Congrès d'Anthrop. et Arch. Préhistor.," de 1880 — Lisbonne, 1884.
- PIROUTET (Maurice) — *Quelques réflexions sur la question ligure* — "L'Anthropologie," — xxvi, 1915.
- PITTARD (Eugène) — *Anthropologie de la Suisse* — "Arch. suisses d'Anthr. Générale," — T. I, Genève, 1914-1915. — T. II, Genève, 1916-1917.
- *Sur de nouveaux crânes provenant de diverses stations lacustres de l'époque néolithique et de l'âge du bronze en Suisse* — "L'Anthropologie," — x-1899.
- *Anthropologie de la Suisse. Crania helvetica: Les crânes valaisans de la vallée du Rhone* — Genève, Paris, 1909-1910. (Anal. em "L'Anthr.,").
- *Sur l'éthnologie des populations suisses* — "L'Anthropologie," — T. IX. 1898.
- QUATREFAGES (A. de) et HAMY — *Crania Ethnica*, Paris, 1882.
- RIDGEWAY (William) — *The application of zoological Laws to Man-Opening adress Section H. British Association* — "Nature," — London, New-York, vol. 78, 1908.
- RIPPLEY — *The races of Europe* — London, 1900.
- SANT'ANNA MARQUES — *Estudo da anthropometria portuguesa* — Lisboa, 1899.
- SARMENTO (MARTINS) — *Estudo e interpretação da "Ora marítima"* — 2.^a ed. — Pôrto, 1896.

- *Os argonautas* -- Pôrto, 1887.
- *Os lusitanos* -- Pôrto, 1880.
- SCHULTEN (Adolfo) — *Numantia. Die Ergebnisse der Ausgrabungen 1905-1912* — I — *Die Keltiberer und ihre Kriege mit Rome* — München, 1914. (Resumo de P. Guimpera, trad. de Vergílio Correia, na "Atlantida").
- SELIGMAN (C. G.) — *The Physical characters of the Arabs* — "Journ. of the Anthr. Inst. of Great Britain", 1917 (Anal. em "L'Anthr.").
- SERGI (Giuseppe) — *Crani preistorici della Sicilia* — "Atti della Soc. Rom. di Antrop.", — VI, Roma, 1899.
- *Africa*, Torino, 1897. (Cit. de MOSCHEN).
- *Arii e Italici*, Torino, 1898. (Id.).
- SIRET (Luiz) — *Las primeras edades del metal en el sudeste de España*, Barcelona, 1890.
- TAMAGNINI (Eusébio) — *A côr do cabelo e dos olhos nos estudantes das escolas primárias portuguezas* — "Rev. da Universidade de Coimbra", (Vol. IV) — Coimbra, 1915.
- TOPINARD (Paul) — *Éléments d'Anthropologie Générale* — Paris, 1887.
- UJFALVY (Ch. de) — *Les aryens au nord et au sud de l'Hindou* — Kouch — Paris, 1896.
- VASCONCELOS (Leite de) — *Religiões da Lusitania* — II — Lisboa, 1905.
- VEIGA (Estácio da) — *Antiguidades monumentais do Algarve* — Vol. II, Lisboa, 1887.
- VERNEAU (R.) — *Un nouveau crâne humain d'une cité lacustre* — "L'Anthropologie", — V — 1894.
- *L'Allée couverte des Mureaux* — "L'Anthropologie", — I, 1890.
- et VILLENEUVE (L. de) — *La grotte des Bas-Moulins* — "L'Anthropologie", — XII, 1901.
- WILSER (L.) — *Die naturwissenschaftliche Bezeichnung der Menschenarten* — "Congr. dos natural. e médicos alemães de Carlsruhe", 1911 — (Anal. em "L'Anthr.").

A esta lista há a acrescentar os registos manuscritos de Fonseca Cardoso e Ferraz de Macedo, e os autores gregos e latinos citados no texto.







A. A. MENDES CORRÊA — Estudos da etnogenia portuguesa.

DO MESMO AUTOR

1. *Alexandre Herculano* — 1 opusc. — Pôrto, 1910.
2. *O genio e o talento na pathologia* — 1 vol.; 17 grav. — Pôrto, 1911.
3. *O problema da vida* — 1 folh. — Extr. do "Porto Medico," — Pôrto, 1912.
4. *Um delinquente habitual* — 1 folh.; 5 grav. — Extr. da "Gazeta dos Hospitaes do Porto," — Porto, 1913.
5. *Valor objectivo do conhecimento humano* — 1 folh.; 1 grav. — Extr. da "Dyonysos," — Pôrto, 1913.
6. *Os criminosos portugueses* — 1.^a edição — 1 vol.; 97 grav. — Pôrto, 1913.
7. *Os criminosos portugueses* — 2.^a edição — 1 vol.; 97 grav. — Coímbra, 1914.
8. *Creanças delinquentes* — 1 vol. — Coímbra, 1915.
9. *Antropologia* — Resumo das lições feitas em 1914-1915 na Faculdade de Sciencias do Porto — 1 vol. — Pôrto, 1915.
10. *Sobre um crânio ultradolicocéfalo* — Nota extr. dos "Anaes da Academia Politecnica do Porto," — Coímbra, 1915.
11. *Contribuição para o estudo antropológico da população da Beira Alta* — 1 memória; 23 grav. — Extr. dos "Anaes da Acad. Politecn. do Porto," — Coímbra, 1915.
12. *A perfuração da fosseta olecraniana nos húmeros portugueses* — e — *Ensaio duma classificação natural dos hominídios actuais* — 1 folh. — Extr. dos "Anaes da Acad. Politecn. do Porto," — Coímbra, 1915.
13. *Sobre a platicnemia, sua frequencia e sua origem* — 1 folh.; 1 grav. — Extr. do "Portugal Medico," — Pôrto, 1915.
14. *Sobre três crânios de negros Mossumbes* — 1 folh.; 5 grav. — Pôrto, 1915.
15. *Gíria de creanças delinquentes na Tutoria da Infancia do Porto* — Nota extr. da "Tutoria," — Lisboa, 1915.
16. *Timorenses d'Okussi e Ambeno* — Notas antropológicas sobre observações de Fonseca Cardoso — 1 folh.; 3 grav. — Extr. dos "Anaes da Acad. Politecn. do Pôrto," — Coímbra, 1916.
17. *Antropologia timorense* — Nota extr. da "Revista dos Liceus," — Pôrto, 1916.
18. *Antropologia angolense: Quiocos, luimbes, luenas e lutchazes* — Notas antropológicas sobre observações de Fonseca Cardoso — 1 memória; 32 estampas. — Extr. do "Archivo de Anatomia e Anthropologia," — Lisboa, 1916.



19. *O retrato de Nun'Alvares* — 1 folh.; 5 grav. — Extr. da "Revista dos Liceus," — Pôrto, 1916.

20. *Instrumentos paleolíticos dos arredores de Lisboa* — Nota com 9 fig. — Extr. da "Gente Lusa," — Granja, 1916.

21. *Sobre a abertura nasal no crânio dos mamíferos* — 1 memória com 15 grav. — Extr. dos "Anaes da Acad. Politecn. do Porto — Coimbra, 1916.

22. *Objectos protoistóricos e lusitano-romanos* — 1 folh. com 12 grav. — Extr. do "Arqueólogo Português," — Lisboa, 1917.

23. *Sobre alguns crânios da Índia Portuguesa* — 1 memória com 6 estampas. — Extr. dos "Anaes da Faculdade de Medicina do Porto," — Pôrto, 1917.

24. *Sobre o índice nasal na Beira Alta e um crânio desarmónico beirão* — 1 folh. com 6 grav. — Extr. dos "Anaes da Acad. Politecn. do Porto," — Coimbra, 1917.

25. *Antropologia da Beira Alta* — 1 folh. — Extr. do "Instituto," — Coimbra, 1917.

26. *Nota sobre alguns índices sagrados de portugueses* — 1 folh. — Extr. do "Portugal Medico," — Pôrto, 1917.

27. *Taylorismo e reeducação profissional* — 1 folh. — Extr. do "Portugal Medico," — Pôrto, 1917.

28. *À propos des caractères inférieurs de quelques crânes préhistoriques du Portugal* — 1 folh. — Extr. do "Archivo de Anatomia e Anthropologia," — Lisboa, 1917.

29. *Sobre uma forma craniana arcaica* — 1 memória com 3 grav. — Extr. dos "Anaes da Faculdade de Medicina do Porto," — Pôrto, 1917.

30. *Sulla pluralità dei tipi ipsistenocefali e sopra alcuni crani portoghesi* — Nota extr. da "Rivista di Antropologia," vol. XXI — Roma, 1916-1917.

31. *Sur les brachycéphales préneolithiques et leur culture* — 1 folh. — Extr. do "Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles," tomo VII — Lisboa, 1917.

32. *Um pretenso vencedor de Aljubarrota* — *Sobre um crânio do Museu do Carmo* — Nota extr. do n.º 291 de "A Medicina Moderna," — Pôrto, 1918.

33. *Estudos da etnogenia portuguesa (Crânios braquicéfalos)* — 1 memória com 10 grav. — Extr. dos "Anais da Faculdade de Medicina do Pôrto," — Pôrto, 1918.

A publicar:

34. *Notas craniográficas e das pretendidas sobrevivencias neandertaloides nas províncias portuguesas do norte.*

Em preparação:

35. *Osteometria portuguesa.*